

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



DOCUMENTOS Nº 288

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: abril de 2019 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Abril/2019.
Florianópolis, 2019, 59p. (Epagri. Documentos, 288).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em
abril/2019 passou a integrar a série Documentos com
numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

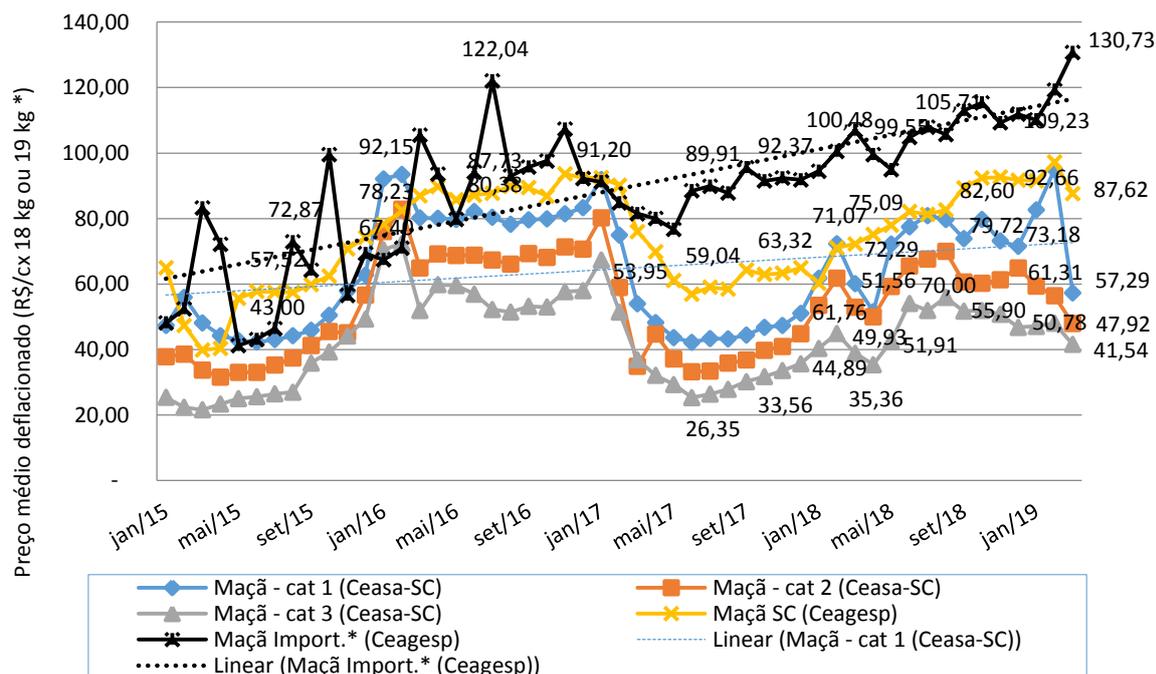
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	14
Milho.....	17
Soja	22
Trigo.....	25
Hortaliças	27
Alho.....	27
Cebola	31
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	48
Leite	57

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(¹)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (mar./19=100)

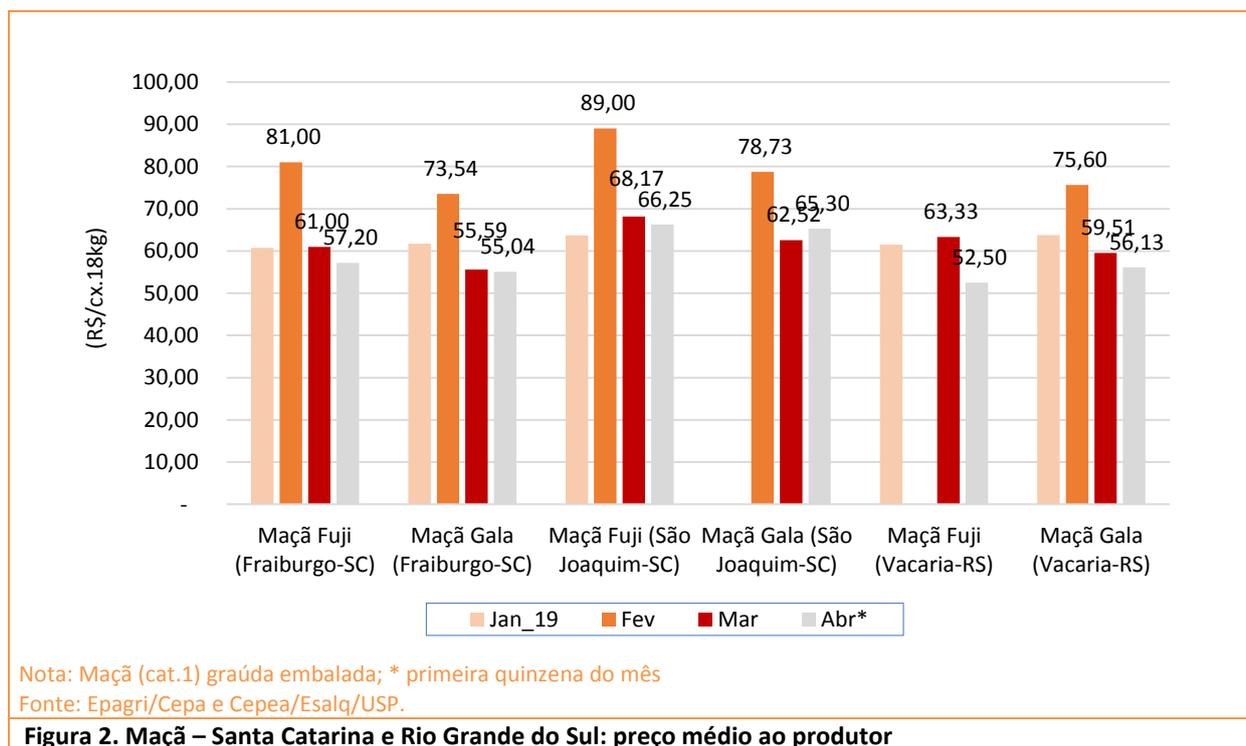
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Figura 1. Maçã - evolução do preço médio mensal no atacado

Na Ceasa/SC, entre janeiro e fevereiro, com o início da colheita da maçã Gala e o baixo estoque de frutas, houve valorização de cerca de 15% no preço da maçã cat.1 no mercado atacadista. Os preços de fevereiro foram 31% maiores que os do mesmo mês de 2018. Com a qualidade superior em relação a da safra passada, a fruta cat. 3 valorizou suas cotações no início da colheita em mais de 50% dos valores negociados no mês, em relação a 2018. Mas, entre fevereiro e março houve redução da demanda relativa com a proximidade do carnaval e do aumento na oferta da maçã Gala fresca, com o término da colheita nas regiões de Friburgo e Vacaria. Com isso, as cotações despencaram quase 40% para as frutas cat.1. Com maçãs de calibres maiores e preços acima de R\$80,00 a caixa de 18 quilos, a estratégia foi escoar os estoques e reduzir as compras no atacado.

Na Ceagesp, a maçã catarinense comercializada havia valorizado em 6,2%, nos dois primeiros meses de 2019. Em março, apresentou redução de 9,8%, mas com preços 153% acima dos negociados na central no mesmo mês do ano anterior. A maçã importada acumula valorização entre 8% e 9,6% nas suas cotações, em parte pela influência da taxa de câmbio. Os preços da fruta importada estão 149% maiores que os negociados em março de 2018. A expectativa é de manutenção das cotações nos próximos meses, com aumento da oferta

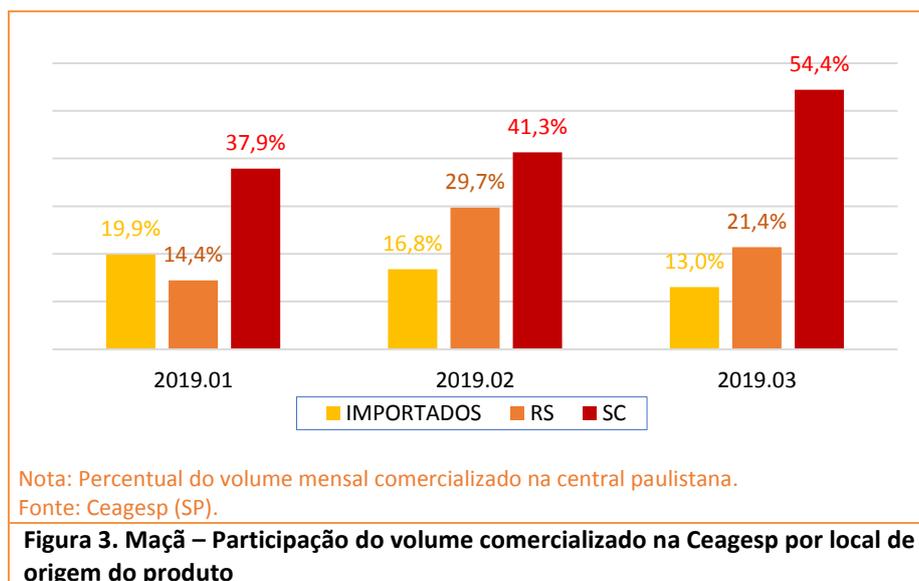
das frutas frescas nacionais colhidas na safra.



Em Fraiburgo, após forte valorização de 33% nos preços da maçã Fuji e 19% nos da Gala entre janeiro e fevereiro de 2019, o aumento na oferta da fruta com o final da colheita da maçã Gala, em março, as cotações das duas cultivares reduziram em 24%. A expectativa é de recuperação no início de maio.

No final de março já estavam colhidas em torno de 99% da área de Gala, com redução de cerca de 15% no volume estimado pelos produtores da região. A maçã Fuji está com 53% da área colhida, com encerramento previsto para o final de maio. A expectativa é de produção 10% maior que na safra anterior. A qualidade das frutas está melhor que a da safra 2017/18. As maçãs Gala estão com coloração, crocância e sabor adequados e com calibres de médios a graúdos, conforme a preferência do mercado.

Em São Joaquim, depois da desvalorização nas cotações entre fevereiro e março, a tendência é de recuperação nos preços da maçã Gala no mês de abril. Com valorização de quase 40% nos preços entre janeiro e fevereiro, houve redução nas cotações da maçã Fuji. Mas, esta tende a diminuir entre março e abril, com a estratégia de direcionar parte do volume colhido para atmosfera controlada, aguardando para comercialização no segundo semestre do ano e, assim, reduzindo a oferta de frutas frescas no mercado. Na primeira quinzena de abril deve estar colhido cerca de 49% da maçã Fuji e 85% da maçã Gala na região. A expectativa é que parte da oferta de frutas frescas seja direcionada para exportação e em torno de 10% para a indústria de suco, reduzindo a pressão de baixa nos preços no mês de maio e junho.



Na Ceagesp, principal central de abastecimento do país, o volume comercializado de maçãs está 13,5% menor em relação ao 1º trimestre de 2018; mas com valores 6,3% maiores nos três primeiros meses de 2019.

Em março de 2019, a maçã catarinense na Ceagesp representou 54,4% do volume total comercializado da fruta, com 5,4 mil toneladas, gerando um valor negociado de mais de R\$ 26,5 milhões (50,3%) no mês.

A central paulistana movimentou, no trimestre, mais de 27,3 mil toneladas de maçãs frescas, gerando um valor negociado de mais de R\$ 149,5 milhões.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2017/18 e a estimativa de 2018/19

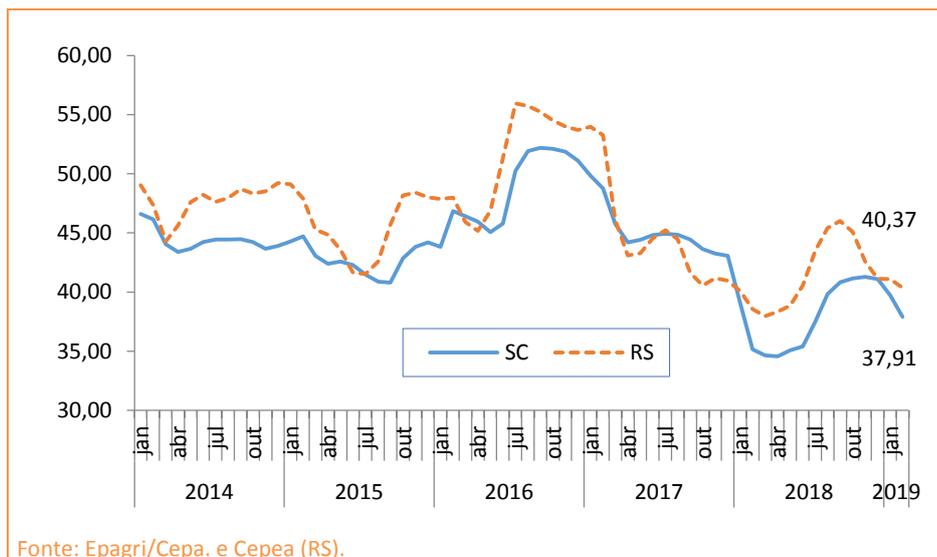
Principais MRG com cultivo de maçã	2017/18			Estimativa 2018/19			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.445	92.279	37.737	2.445	88.588	36.228	0,0	-4,0	-4,0
Curitibanos	960	35.525	37.016	960	34.459	35.906	0,0	-3,0	-3,0
Campos de Lages	11.961	443.300	37.208	11.908	451.371	34.969	-0,4	1,8	-6,0
Outras	130	3.548	27.292	122	3.264	26.712	-6,2	-8,0	-2,1
Total	15.443	570.064	36.914	15.435	577.682	37.426	-0,1	1,3	1,4

Fonte: Epagri/Cepa (abr. 2019)

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a mar./2019) – R\$/sc 50kg

Os preços do arroz em casca continuaram caindo em março de 2019. Este comportamento é esperado, pois a colheita já alcança níveis consideráveis e a entrada de produto no mercado interno exerce pressão de baixa sobre os preços. No Rio Grande do Sul, o preço médio do mês fechou em R\$ 40,37 a saca de 50kg, o que representa uma redução de 2,62% em relação a fevereiro de 2019. Em Santa Catarina, a redução foi mais tímida: -0,40% em relação ao mês

passado, fechando em R\$ 37,91 a saca de 50kg. Analisando a evolução diária do preço mínimo, médio e máximo, nos meses de fevereiro, março e abril, observa-se que os preços podem apresentar diferenças de até R\$ 4,00, a depender da região e qualidade do produto. A partir dos próximos meses, embora permaneçam baixos, os preços começam sua trajetória de alta, a partir do fim da colheita e entrada no período de entressafra. Sob a ótica da comercialização, até o final de março, historicamente, cerca de 60% da safra é comercializada. Até o final da colheita, que ocorre por volta do mês de maio, quase 80% da produção deverá ser comercializada, restando parte da produção armazenada em silos próprios ou das indústrias para comercialização ao longo do ano, justificando o comportamento esperado para os preços.

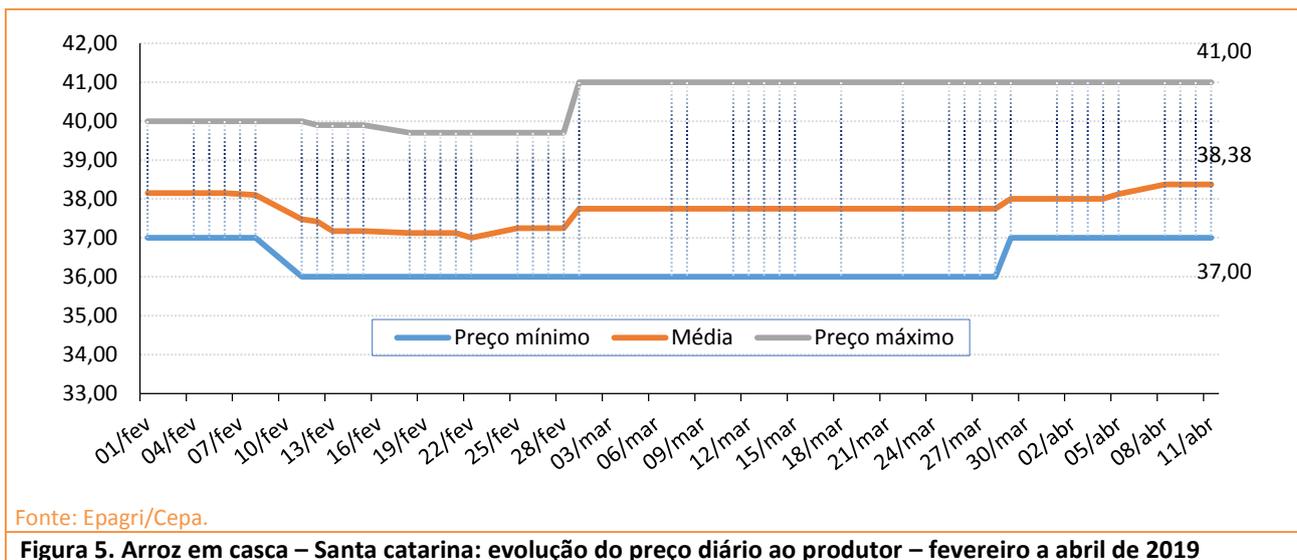
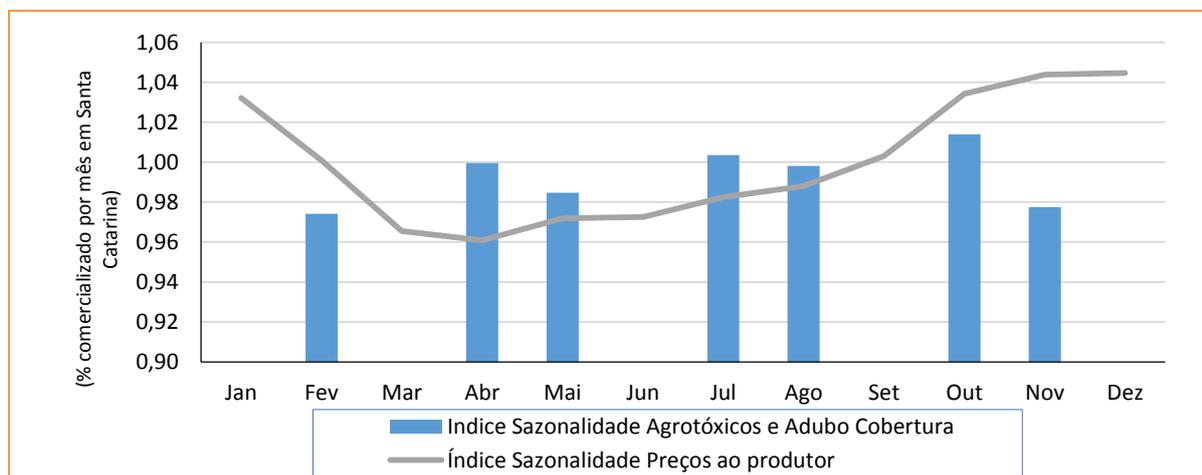


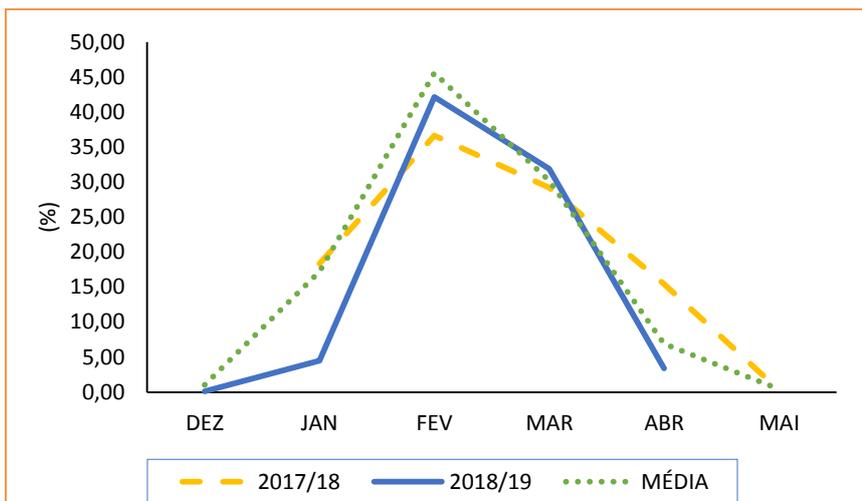
Figura 5. Arroz em casca – Santa Catarina: evolução do preço diário ao produtor – fevereiro a abril de 2019

Como tomadores de preços, os produtores devem estar atentos às oportunidades de redução dos custos para ampliar sua margem de ganho. Em média, os gastos com agrotóxicos e adubos representam 20% do custo variável de produção. Dessa forma, compreender o mercado e comprar tais insumos nos períodos em que os preços estão mais baixos pode representar alto potencial de ganhos para o produtor. A figura abaixo representa essa oportunidade. Observa-se que entre setembro e janeiro os preços do arroz em casca estão mais altos, enquanto os preços dos insumos citados estão menores nos meses de fevereiro e novembro. Desta forma, os produtores que conseguirem segurar suas vendas e antecipar a compra dos insumos poderão alcançar boas margens de ganho.



Nota: Os índices de sazonalidade foram estimados por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), para uma série mensal de preços de janeiro de 2007 a julho de 2018, considerando variáveis dummy para os meses e nível de significância de 1%.
Fonte: Epagri/Cepa. Bacen. 2018. Elaboração do autor.

Figura 6. Arroz em casca – Comportamento sazonal dos preços ao produtor e preços de insumos

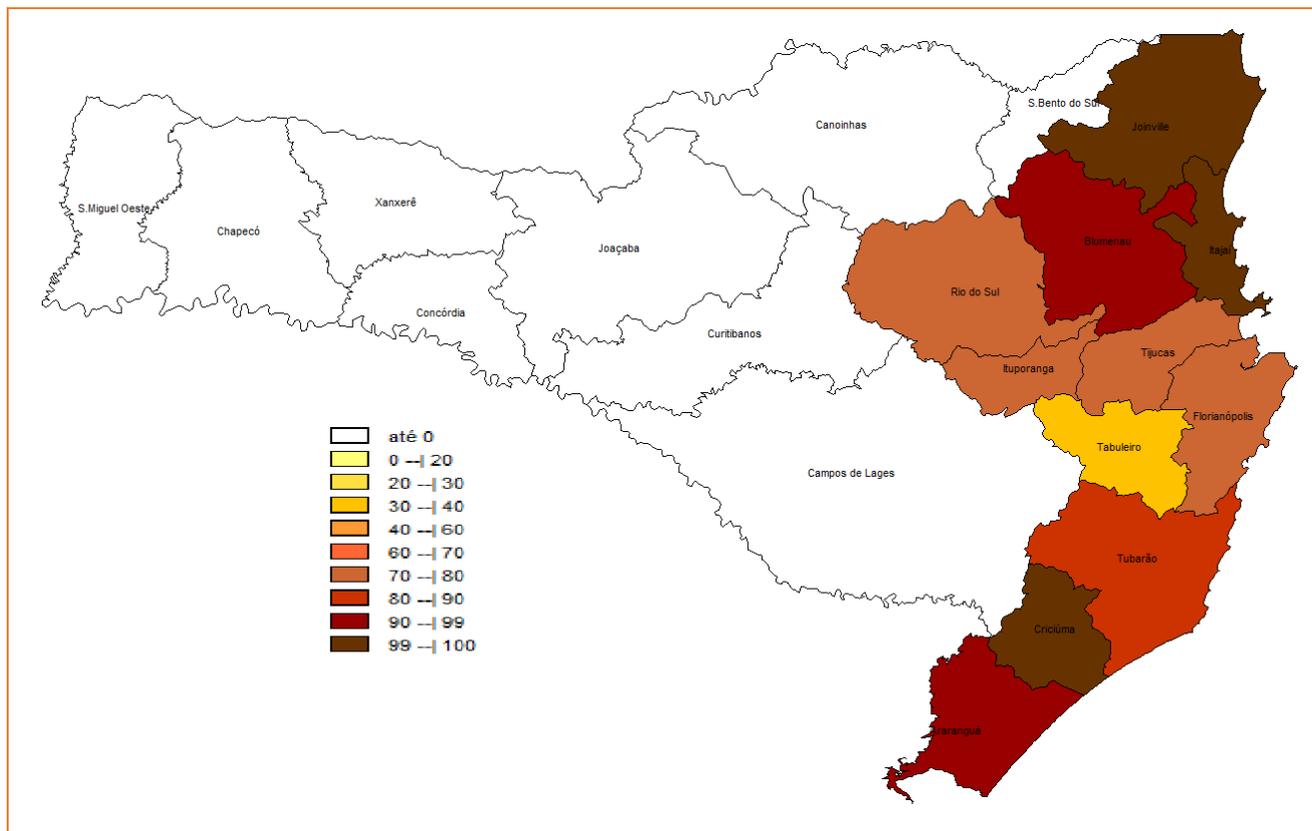


Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 7. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo da evolução do % de colheita – (safra 2017/18-2018/19 e média dos últimos 6 anos)

A colheita do arroz no estado encontra-se em estágio final, com cerca de 82% da área semeada já colhida. Nas microrregiões de Joinville, Itajaí e Criciúma a colheita da safra principal encontra-se estatisticamente encerrada, restando apenas áreas de soca a serem colhidas. Em todas as regiões produtoras do estado as chuvas ocorridas nas últimas semanas prejudicaram o andamento da colheita, mas estas já voltam à normalidade após a trégua das chuvas. Na comparação com as safras passadas, observa-se que o andamento da colheita segue ritmo normal, sem atrasos. As

lavouras se desenvolveram normalmente, com 91,85% em ótima condição, 8,15% apresentam condição média ou ruim no campo.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 8. Arroz irrigado – Percentual de colheita por microrregião até a primeira semana de abril de 2019 – (safra 2018/19)

Tabela 2. Arroz Irrigado – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2017/18–2018/19

Microrregião	Saфра 2017/18			Saфра 2018/19 - estimativa atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51530	391.012	7.588	0,00	-3,22	-3,22
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	66.122	8.042	-1,60	-1,82	-0,22
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	158.468	7.614	-0,21	-2,75	-2,54
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.060	7.210	-26,69	-18,90	10,63
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	74.924	8.147	0,93	2,46	1,51
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	145.346	8.064	-7,73	-11,84	-4,45
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.987	84.338	8.445	-6,68	-12,08	-5,79
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	15.284	6.138	-7,43	-24,71	-18,66
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.083	171.297	8.125	-0,05	-1,11	-1,05
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.606	1.123.486	7.823	-2,27	-5,00	-2,79

Fonte: Epagri/Cepa (mar./2019).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 continuam apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de aproximadamente 2,27%. Com a colheita se aproximando do final, é possível perceber uma redução de 2,79% na produtividade média das lavouras em relação à safra 2017/18. Isso se deve ao fato das duas últimas safras terem gerado produtivas muito acima daquelas observadas historicamente, bem como pela ocorrência de fenômenos climáticos que prejudicaram a produtividade das lavouras. A principal ocorrência foi o excesso de calor no período de florescimento nas principais regiões produtoras, o que resultou em grãos falhados e, conseqüentemente, redução da produtividade média. Contudo, as lavouras plantadas mais cedo surpreenderam com altas produtividades, o que impediu que a produtividade média fosse ainda menor. Atualmente, a estimativa aponta para uma área de 143,6 mil hectares, produção de 1,123 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média do estado de 7,8 toneladas por hectare.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

O mercado do feijão se manteve aquecido nos dois primeiros meses do ano, com preços pagos aos produtores bastante altos. Em março, a tendência se manteve, apesar da pequena redução nos preços recebidos pelos produtores. Em Santa Catarina, o preço médio da saca de 60 kg de feijão-carioca, na praça de referência de Joaçaba, passou de R\$ 320,00 para R\$ 311,43 em março, variação negativa de 2,7%. O mesmo ocorreu nos principais estados produtores: no Paraná, baixa de 10%, em São Paulo, baixa de 7%, em Minas Gerais, aumento de cerca de 20% e em Goiás, alta de 18%. Na comparação entre março de 2019 e março de 2018, na maioria dos estados acompanhados a variação dos preços nominais superou 200%. Os produtores catarinenses de feijão carioca receberam em média R\$ 88,75/sc 60kg em março/2018, contra R\$ 311,43/sc 60kg em março/2019.

Os fatores que levaram à redução nos preços da saca de feijão a partir da segunda quinzena de fevereiro são, fundamentalmente, a má qualidade do produto e a baixa demanda pelo setor varejista. O forte aumento dos preços na primeira quinzena de fevereiro afastou os empacotadores, dificultando as vendas no mercado atacadista. Com isso, varejistas estão trabalhando com estoques mínimos, aguardando melhores preços. A expectativa é que com a entrada da segunda safra, que deve começar a partir de abril, se estendendo até junho, ocorra oferta de produto de melhor qualidade e que os varejistas voltem às compras para regularizar seus estoques. Mesmo com a proximidade da colheita de uma nova safra, a expectativa é que os preços se mantenham em bons patamares para o produtor, já que a redução da produção e a má qualidade da primeira safra foram significativas.

Para os produtores de feijão-preto, o incremento dos preços no mês de março também foi bom, mas um pouco inferior ao mês de fevereiro. Puxado pelos preços do feijão-carioca, produtores de feijão-preto tiveram uma baixa no preço na ordem de 6%. A fraca demanda do mercado consumidor e a baixa qualidade também contribuíram para essa redução nos preços. Assim como para o feijão carioca, a expectativa é de que as cotações do feijão-preto se mantenham altas, sobretudo pela baixa oferta de produto de qualidade. Em março de 2019, os produtores catarinenses receberam em média R\$ 165,00/sc de 60kg na região de Canoinhas. Em relação há um ano, o incremento dos preços em termos nominais chega a 40,53%.

Tabela 3. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – safra 2018/19 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Mar./2019	Fev./2019	Variação (%)	Mar./2018	Variação anual fev./19-fev./18 (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	311,43	320,00	-2,68	88,75	250,91
Paraná		282,14	313,66	-10,05	82,50	241,99
São Paulo		330,72	355,97	-7,09	101,47	225,93
Minas Gerais		332,49	277,85	19,67	94,69	251,14
Goiás		303,97	256,98	18,29	88,25	244,44
Santa Catarina	Feijão-preto	165,00	176,25	-6,38	117,41	40,53
Paraná		153,26	192,46	-20,37	108,29	41,53
Rio Grande do Sul		176,44	176,00	0,25	129,11	36,66

Nota: Feijão-preto SC - praça ref. Canoinhas; feijão carioca SC - praça ref. Joaçaba (Março/2019).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

No mercado atacadista de São Paulo, a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) registrou preços bastante favoráveis aos cerealistas neste início de ano. Contudo, apresenta um aquecimento menor com a entrada no mercado das safras de Minas Gerais e Goiás. No último dia 11/03/19, a saca de 60kg do feijão-carioca

nota 9,0 foi comercializado a R\$ 360,00, enquanto no dia 08/04/19 estava a R\$230,00, variação negativa de cerca de 37% em 29 dias. Ainda na BCSP, no mesmo período, para o feijão-preto extra a cotação da saca de 60kg era de R\$ 172,50 em abril, contra R\$ 207,50 em março, baixa aproximada de 17%.

Tabela 4. Feijão – São Paulo: preço médio diário do feijão no mercado atacadista

Produto ⁽¹⁾	08/04/2019	11/03/2019	Varição (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão-carioca Extra (9,0)	227,50	360,00	-36,81	firme
Feijão-carioca Especial (8,5)	207,50	330,00	-37,12	firme
Feijão-carioca Comercial (8,0)	185,00	305,00	-39,34	firme
Feijão-preto Extra	172,50	207,50	-16,87	nominal
Feijão-preto Especial	157,50	197,50	-20,25	nominal

Notas: a) firme: quando existe procura acentuada do produto, b) nominal: preço sem variação por falta ou excesso do produto.

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ comportamento do mercado em 08/04/2019.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Neste momento, há, no estado, duas safras de feijão a campo. Para o feijão 1ª safra, nas microrregiões de Campos de Lages e Curitiba, por suas características de desenvolvimento da cultura e calendário de plantio e colheita diferenciado das demais regiões do estado, cerca de 80% da área plantada já foi colhida. Nas demais regiões do estado, a colheita já foi encerrada. Na primeira safra, a área destinada ao plantio de feijão sofreu redução em relação à temporada passada na ordem de 25%. De modo geral, as condições climáticas para o desenvolvimento das lavouras foram instáveis ao longo do ciclo, o que ocasionou uma redução de 25% na expectativa de produção, estimada em 68 mil toneladas.

Tabela 5. Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual- safra 2018/19			Varição (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	164	164	1.053	97	114	1.170	-41	-31	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	7.870	15.299	1.944	-16	-20	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.700	11.920	2.091	-5	11	17
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.171	3.727	1.717	-21	-32	-15
Concórdia	624	1.099	1.760	430	677	1.574	-31	-38	-11
Criciúma	543	630	1.161	533	628	1.178	-2	0	1
Curitiba	9.095	19.967	2.195	5.380	12.156	2.259	-41	-39	3
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.741	1.777	-11	-21	-11
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	4.034	1.669	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	698	1.262	1.646	602	967	1.606	-14	-23	-2
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	966	1.421	36	21	-11
São M. do Oeste	1.482	2.754	1.746	1.214	2.176	1.793	-18	-21	3
Tabuleiro	485	544	1.122	463	735	1.588	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	199	1.171	-8	-7	1
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.305	1.342	-6	-3	3
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	5.868	11.125	1.896	-38	-33	7
Santa Catarina	47.463	90.425	1.903	35.675	67.903	1.903	-25	-25	0

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (mar./2019).

Quanto ao feijão 2ª safra, cerca de 97% da área cultivada prevista já foi semeada, restando poucas áreas concluírem essa etapa nas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão. Nas demais regiões, cerca de 7% da área de cultivo atingiu a fase de florescimento. A produtividade média estimada para essa segunda safra é de 1.655kg/ha, aumento de 12% em relação à passada. Algumas regiões registraram incidência de altas temperaturas em janeiro e fevereiro, gerando impactos negativos no desenvolvimento da cultura, em especial para aquelas lavouras que tiveram o plantio antecipado. Mesmo assim, a área plantada que foi efetivada em fevereiro e março, aumentou significativamente nossas estimativas, em relação à safra passada é esperado um aumento de 20% na área plantada e de 35% na quantidade produzida.

Tabela 6. Feijão 2ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual - Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	530	482	910	621	587	946	17	22	4
Canoinhas	2.910	3.699	1.271	3.110	5.559	1.787	7	50	41
Chapecó	2.566	3.906	1.522	2.925	5.091	1.740	14	30	14
Concórdia	99	170	1.717	85	143	1.682	-14	-16	-2
Criciúma	2.581	3.048	1.181	2.587	3.054	1.181	0	0	0
Ituporanga	1.500	1.983	1.322	1.720	2.604	1.514	15	31	15
Rio do Sul	623	800	1.284	668	933	1.397	7	17	9
São Bento do Sul	160	150	940	200	330	1.650	25	119	76
São Miguel do Oeste	2.065	3.277	1.587	1.825	3.151	1.726	-12	-4	9
Tubarão	1.289	1.323	1.026	1.311	1.408	1.074	2	6	5
Xanxerê	8.725	15.100	1.731	12.545	22.818	1.819	44	51	5
Santa Catarina	23.048	33.938	1.472	27.597	45.678	1.655	20	35	12

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (mar./2019).

A Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em 18 cidades, mostrou que no mês de março o custo dos alimentos essenciais subiu em todas as capitais, com as altas mais expressivas em Brasília (11,09%), Florianópolis (7,28%), São Luís (7,26%) e Curitiba (7,20%).

Segundo a pesquisa, um dos preços que mais subiu foi o feijão, sendo que o tipo carioca subiu nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo. Destacaram-se as elevações em Brasília (102,13%), Belém (26,55%) e São Luís (17,55%). Já o feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, apresentou elevação de preço entre 6,94% em Porto Alegre e 19,84% em Curitiba.

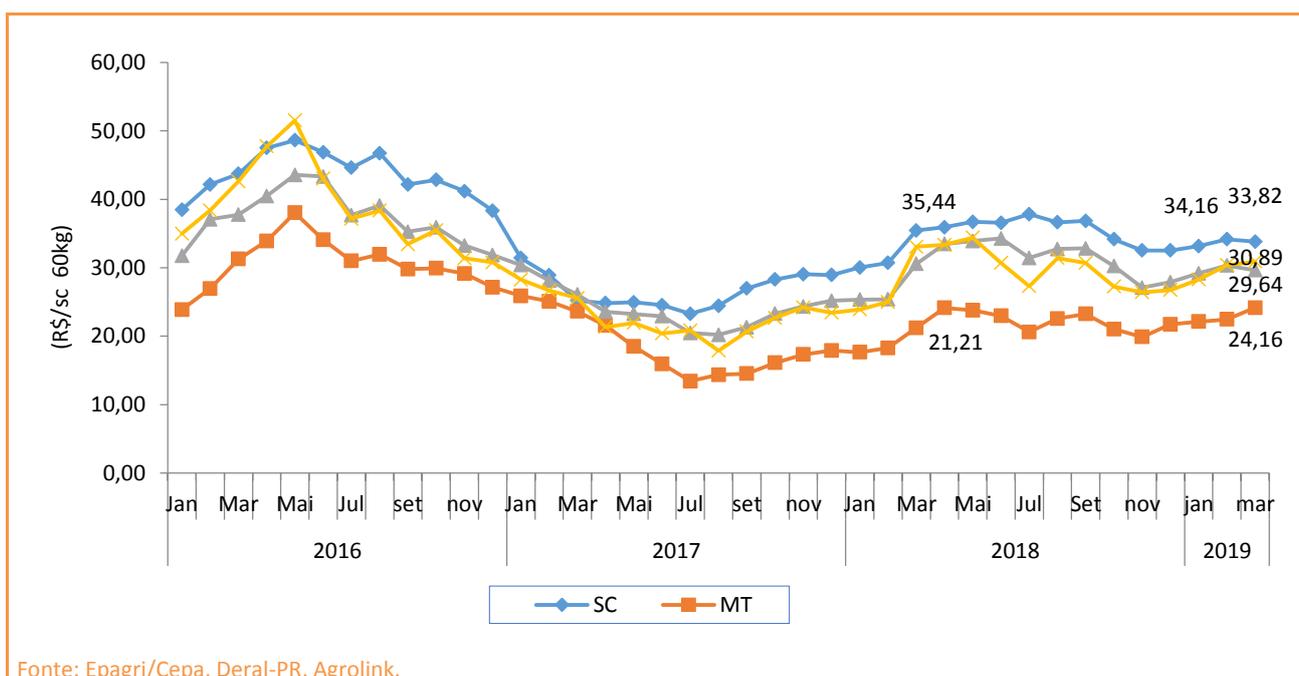
Em 12 meses, o preço médio do quilo de feijão-carioca acumulou alta acima de 100% em todas as capitais: as taxas variaram entre 112,84% em Aracaju e 191,44% em Belém. As variações acumuladas para o tipo preto também foram positivas, mas em patamares menores: entre 37,93% no Rio de Janeiro e 69,27% em Vitória.

De acordo com o Dieese, um dos motivos dessa alta nos preços pagos pelos consumidores pelo feijão foram a redução da área plantada do feijão-carioca na safra das águas (1ª safra) e a intensidade das chuvas, que diminuiriam tanto a disponibilidade quanto a qualidade do grão. No caso do tipo preto, o aumento médio de cotação se deu pela maior demanda, uma vez que o consumidor teve a opção de substituir o grão carioca pelo preto.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Nos últimos três meses, os preços pagos ao produtor apresentaram movimento altista. No entanto, em março foi registrado um pequeno recuo nos preços de -1% em Santa Catarina, -2,4% no Paraná (DERAL-PR) e de -0,16% no Rio Grande do Sul (Emater-RS). Já em relação a igual período do ano passado, na média destes Estados os preços caíram -4,8%. Por outro lado, em Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS) a elevação, em média, foi de 7,8% em março. Importante destacar o diferencial da orientação de preços em março entre os estados do Sul e Centro Oeste. Em estados exportadores, como MS e MT, os preços do milho acompanharam o mercado externo e a cotação do dólar no período. Nos estados do Sul, mesmo sendo grandes consumidores, os preços apresentaram recuo, em função dos bons volumes de colheita da primeira safra, que gera maior oferta regional do produto. A produção do Sul do país alcança na primeira safra volume de 11,6 milhões de toneladas, para atendimento das demandas internas regionais, a exemplo da ração animal para as granjas de aves e suínos.



Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

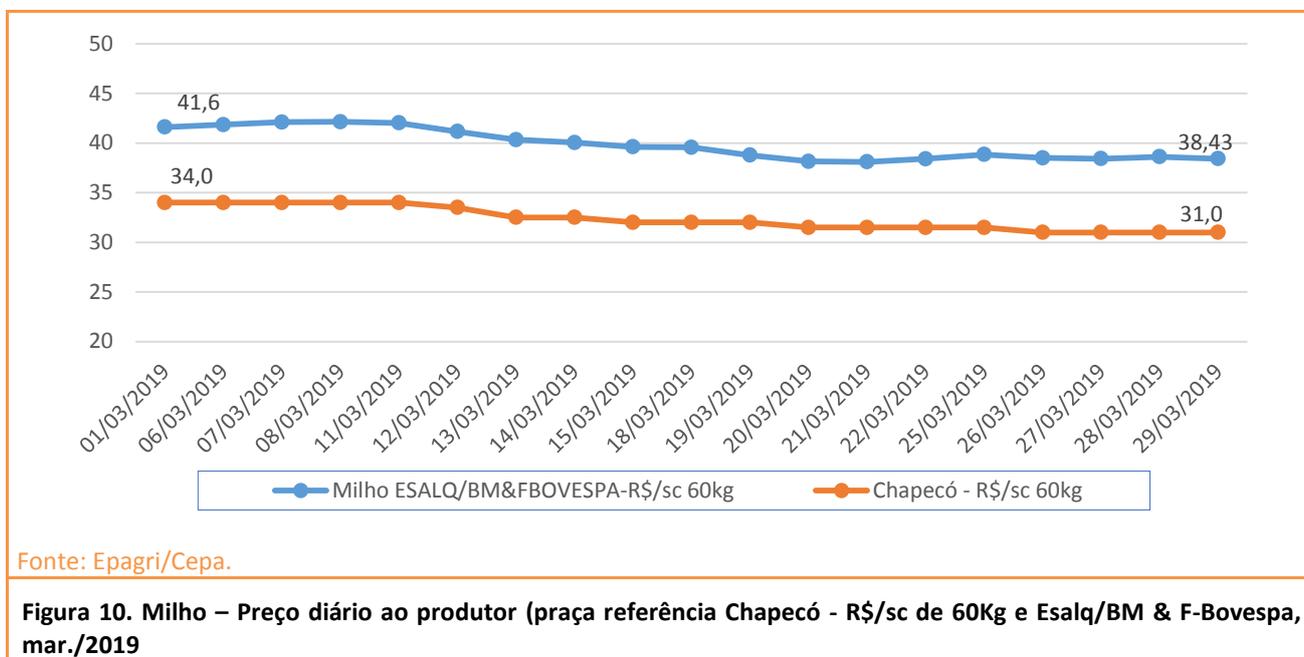
Figura 9. Milho – SC, PR e RS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60Kg) de 2016 a mar./2019 – Preços atualizados pelo IGP-DI

Preços do milho no mercado interno e externo

Após 10 de março os preços do milho ao produtor (Chapecó, praça referência em SC) apresentaram variação de baixa, seguindo a evolução dos preços na ESALQ/BMF-BOVESPA¹. De 11 a 29 de março apresentaram retração em torno de 8,5%. Existe relação no comportamento dos preços nestas praças.

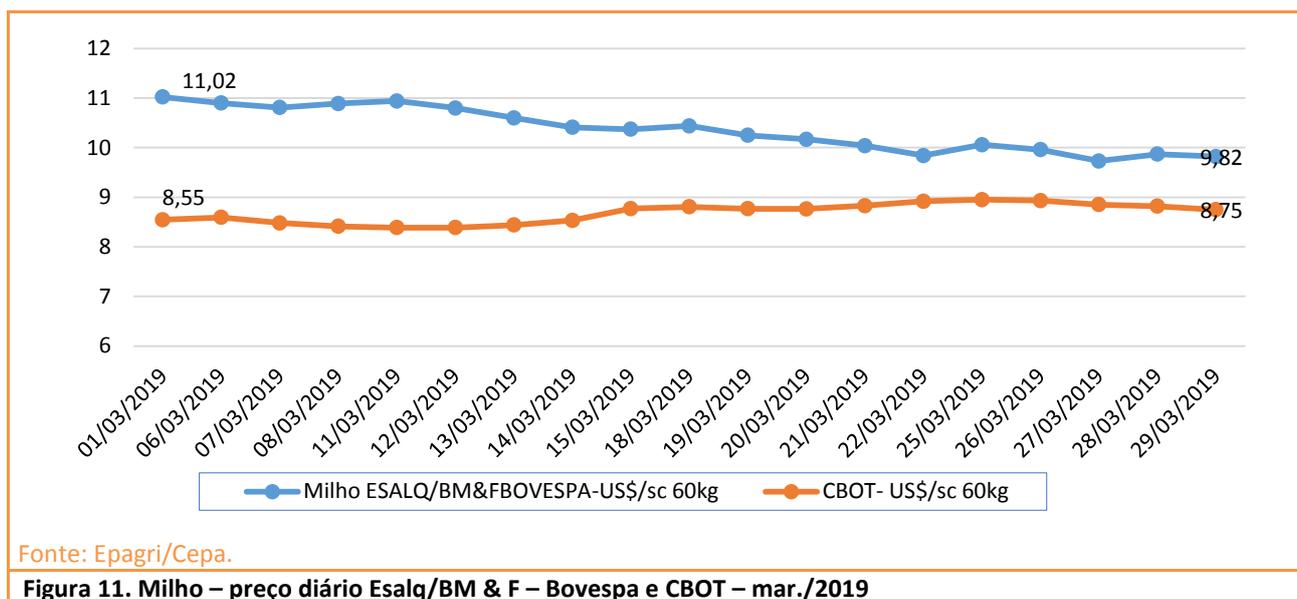
¹ Negócios realizados para o produto posto em armazém na região de Campinas-SP, no atacado (mercado disponível ou de “lotes”).

Alguns fatores influenciaram esse comportamento no período: o avanço da colheita da safra de verão no Sul e o bom desenvolvimento da segunda safra no Centro Oeste (até o momento), o que tem gerado expectativas de maior oferta do produto no mercado interno. A permanecer as boas condições climáticas no Centro Oeste e do Paraná, os preços poderão manter orientação de baixa em abril.



Quanto aos preços no mercado externo e interno, a orientação foi divergente. No CBOT² o preço subiu, em função da China ter criado expectativas que iria comprar até 15 milhões de toneladas de milho americano e da expectativa de plantio ocorrer com algum atraso causado por inundações no cinturão do milho no Meio-Oeste americano. No mercado interno (Esalq/BMF) houve declínio nos preços, como abordado anteriormente. O Brasil influencia os preços no mercado internacional no segundo semestre, quando entra a segunda safra no mercado, grande parte direcionada para o mercado externo.

² Chicago Board Of Trade, Bolsa de mercadorias sediada em Chicago.



Panorama estadual – Safra 2018/19

A estimativa de março de 2019 para a safra em curso confirma a recuperação da área cultivada de milho 1ª e 2ª safras em 8,8% em relação à safra 2017/18. Com isso, a área cultivada chega a 351.142 hectares (primeira e segunda safras). Este ganho de área se dá em função dos preços fortalecidos do cereal durante 2018 e da necessidade de rotação soja x milho. O atual relatório reporta uma elevação da produtividade na primeira safra, com a colheita tomando um ritmo mais forte nas regiões altas. Estão sendo registradas produtividades superiores a 10.000 kg/ha nas regiões de Curitibaanos/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz, elevando a média da produtividade do estado para 8.360kg/ha. A expectativa é de que a produção do estado fique em 2,92 milhões de toneladas nas duas safras.

Tabela 7. Milho – Santa Catarina 1ª e 2ª safras: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa mar./2019)

	Safra 2017/18			Safra 2018/19 (Março)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Prod.	Rend. Médio
1ª Safra	305.983	2.468.879	8.069	334.883	2.821.858	8.426	9,4	14,3	4,4
2ª Safra	16.767	103.190	6.154	16.259	102.494	6.304	-3,0	-0,7	2,4
Total	322.750	2.572.069	7.969	351.142	2.924.352	8.360	8,8	13,7	4,5

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 8. Milho 1ª Safra – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 – estimativa mar./2019)

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual (março, 2019)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	305.983	2.468.879	8.069	334.883	2.821.858	8.426	9,4	14,3	4,4
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	61.025	551.615	9.039	24,2	35,3	9,0
Chapecó	45.523	376.571	8.272	46.791	403.020	8.613	2,8	7,0	4,1
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.500	259.100	7.972	-1,8	4,1	6,0
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.335	257.636	10.587	40,2	63,2	16,4
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	256.069	8.740	1,7	-7,6	-9,2
Xanxerê	19.280	192.708	9.995	22.990	252.032	10.963	19,2	30,8	9,7
São Miguel do Oeste	32.685	260.872	7.981	31.614	246.672	7.803	-3,3	-5,4	-2,2
Concórdia	22.659	164.939	7.279	23.650	175.281	7.411	4,4	6,3	1,8
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	135.386	6.714	8,9	7,8	-1,0
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.930	86.118	7.219	31,5	37,9	4,9
Araranguá	7.734	52.686	6.812	7.734	52.476	6.785	0,0	-0,4	-0,4
Criciúma	6.670	45.805	6.867	6.674	46.124	6.911	0,1	0,7	0,6
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.100	32.280	7.873	-6,8	-9,4	-2,7
Tubarão	5.185	31.868	6.146	5.065	31.705	6.260	-2,3	-0,5	1,8
Tabuleiro	2.725	15.737	5.775	2.975	17.070	5.738	9,2	8,5	-0,6
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.100	5.245	261,5	413,0	41,9
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.396	4.485	-1,4	13,9	15,5
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,1	-13,2	1,0
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	439	4.719	-74,1	-74,6	-2,1

Fonte: Sistema de Acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

Acompanhamento safra 2018/19

Oeste: São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia e Xanxerê: colheita se encaminha para o final, em torno de 94% concluída. Nestas regiões, a produtividade está de 7.500 a 8.600 kg/ha. Nas regiões de Xanxerê/Abelardo Luz há registros de lavouras com produtividade alcançando de 12.000kg/ha a 15.000kg/ha.

Joaçaba, Campos Novos e Caçador: colheita em andamento, que até 10 de abril supera 50% da área cultivada. As chuvas no final de março foram importantes para finalizar o ciclo produtivo de parcela significativa da área plantada. Com isso, fica garantida uma ótima safra na região, com produtividades registradas acima de 15 t/ha em várias lavouras. Na média, a produtividade para as grandes áreas deve ficar próxima a 12t/ha e nas áreas menores entre 9,6 e 10,2t/ha.

Campos de Lages: Início da colheita no final de março, com em torno de 10% da área colhida em 10 de abril. As chuvas que ocorreram na região ainda não permitem trabalhos mais intensivos. Início de abril segue normal com a estabilidade climática;

Região Norte: Canoinhas, Mafra e Porto União: com quase 70% da área colhida, é possível constatar que o rendimento está acima do previsto inicialmente. Produtores que finalizaram a colheita da soja voltam aos trabalhos de colheita nas áreas de milho. As lavouras apresentam boas condições em 75% da área.

Alto Vale do Itajaí: Lavouras estão em boas condições, com 75% colhidas até o momento, apresentando rendimento médio de 6.600 - 8.400 kg/ha.

Panorama no Estado

A colheita alcançou 68% do total da área cultivada até 10 de abril. Havia expectativa de redução na produtividade em função do período de estiagem em dezembro e altas temperaturas em janeiro/fevereiro. Contudo, na maioria das regiões o rendimento está sendo considerado normal, superior em 4,4% ao registrado na safra anterior. Há registros de produtividade superior a 15t/ha, em especial em regiões com altitude superior a 800 metros, cujas condições edafoclimáticas são mais favoráveis ao desenvolvimento fisiológico das plantas.

Climatologia³ (o que se espera para época do ano)

No trimestre, as chuvas diminuem em relação aos meses de verão, ficando com valores de 120 a 200mm mensais no Oeste e Meio Oeste e de 80 e 140mm do Planalto ao Litoral. As chuvas são preferencialmente causadas pela influência de frentes frias, sistemas de baixa pressão e vórtices ciclônicos. Durante o outono, os ciclones extratropicais atuam com mais frequência no litoral do Uruguai, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Safra Nacional:

Milho primeira safra: redução de 1,3% na área cultivada, especialmente em Minas Gerais e no Piauí. Produção estimada em 25,9 milhões de toneladas, com destaque para a Região Sul, com cerca de 45% do total.

Milho segunda safra: No Boletim atual, a CONAB eleva a perspectiva de acréscimo na área cultivada de 4,4% para 6,1% e de 23,6% para 26,4% na produção em comparação com 2017/18, impulsionados principalmente pelos incrementos esperados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. O plantio está em 81,4% da área total prevista.

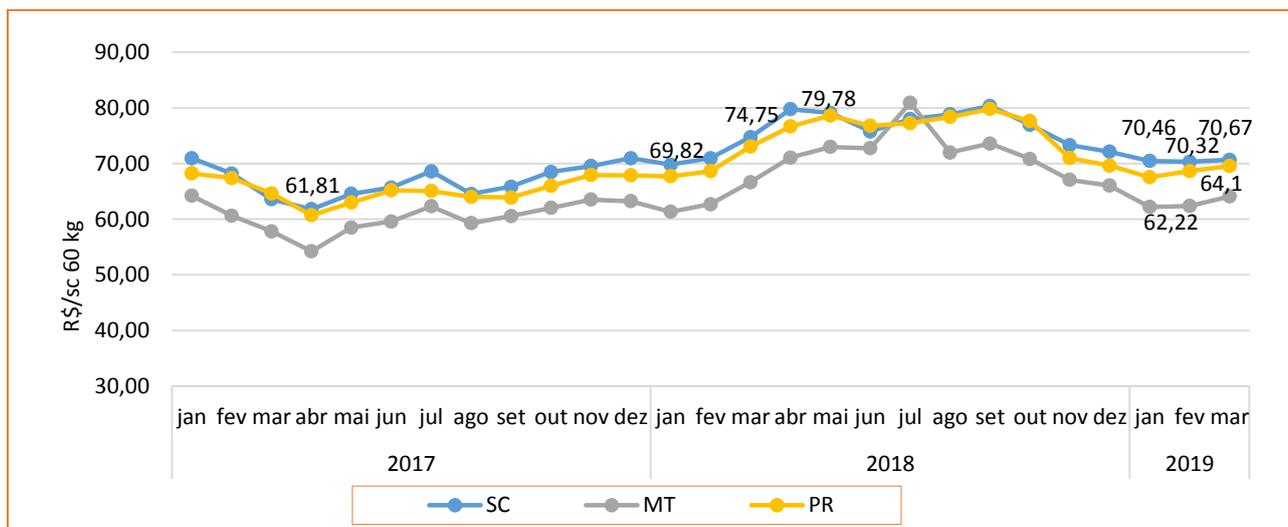
A produção total de milho (1ª e 2ª safras) deverá atingir 94 milhões toneladas (2018/19), representando um aumento de 16,5% em relação à safra passada, acometida por problemas climáticos na segunda safra (CONAB, março 2019)

³ http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Os preços ao produtor se mantiveram estáveis nos últimos três meses no estado. Em relação ao mês de fevereiro apresentou uma leve reação de 0,5%, mas frente ao mesmo mês do ano anterior registrou retração de - 5,45%. Nos estados do Paraná e Mato Grosso apresentaram alta, em média de 3,46%. Os fatores que influenciaram as oscilações dos preços em março foram: variação cambial (fator de alta no período), condições climáticas pré-plantio nos EUA e altos volumes de estoques americanos pressionando os preços. A indefinição do acordo entre EUA e China mantem o mercado em compasso de espera desde início do ano. O fechamento do acordo entre as duas maiores potências mundiais deverá ocasionar redução na demanda pela soja brasileira, com menor volume a ser exportado no ano corrente, porém, até o momento as exportações estão com bons volumes. Em compensação, as exportações catarinenses de carne suína, em especial para China, aumentaram no último mês. Isto reflete em maior demanda interna de soja e milho. Em Santa Catarina mais forte, uma vez que apresenta uma capacidade de esmagamento expressiva em relação à produção. Contudo, os preços dependem de uma conjuntura nacional e externa na sua definição. A estabilização dos preços e até retração é um cenário mais visível no momento a curto prazo.



Fonte: Epagri/Cepa. Deral – PR e Agrolink (MT).

Figura 12. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina: preço médio nominal mensal ao produtor – jan./2017 a mar./2019

Safra 2018/19

Em Santa Catarina, a área cultivada apresenta recuo de -2,1%, com 669 mil hectares cultivados e produção estimada em 2,42 milhões de toneladas. Mesmo com diminuição da área, a produção total deverá apresentar um pequeno aumento, em função da expectativa de rendimento 0,7% superior à safra passada. Esperam-se rendimentos superiores a 4.000kg/ha nas regiões de Curitibanos, Campos Novos e Joaçaba. As maiores regiões produtoras são Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, que somam 384 mil hectares, respondendo por mais de 57% da área cultivada do estado. As produtividades estimadas nas regiões de Chapecó e Xanxerê apresentaram queda na atual safra frente a anterior, em função das

condições climáticas adversas nestas regiões em dezembro e devido ao registro de áreas de cultivo de soja segunda safra nas últimas estimativas, que apresentam rendimento inferiores quando comparados à primeira safra.

Tabela 9. Soja – Santa Catarina: área, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19 – Estimativa fev./2019

Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa -março			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área Plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Santa Catarina	684.045	2.458.989	3.595	669.447	2.424.363	3.621	-2,1	-1,4	0,7
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	148.880	517.259	3.474	0,6	-5,2	-5,7
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	109.630	469.218	4.280	-3,0	7,0	10,3
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	431.668	3.426	-2,9	-4,2	-1,3
Chapecó	92.941	300.866	3.237	92.080	288.039	3.128	-0,9	-4,3	-3,4
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	251.337	4.110	-9,6	-1,8	8,6
Campos de lages	62.230	222.758	3.580	59.440	217.280	3.655	-4,5	-2,5	2,1
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.397	138.834	3.354	0,3	0,7	0,4
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	10.200	31.420	3.080	-11,3	-15,1	-4,3
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	29.538	4.091	-12,4	-13,5	-1,3
Concórdia	5.330	19.855	3.725	6.610	23.780	3.598	24,0	19,8	-3,4
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	4.902	19.013	3.879	22,1	20,9	-0,9
Criciúma			0	1.938	6.977	3.600			

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama Estadual

A estimativa de colheita alcança 78% da área cultivada no estado (até dia 10 de abril). Deve se intensificar até o final de abril, quando encerra a colheita principal, restando áreas de soja segunda safra (não levantada em separado até o momento). A colheita está finalizada na região Oeste. Nas regiões do Planalto a safra está definida. As últimas chuvas de março propiciaram as condições para o fechamento do ciclo produtivo. A redução do percentual de colheita no final de março e início de abril se deu pela instabilidade climática (ocorrência de chuvas), porém sem prejuízos aos rendimentos médios até aqui obtidos. Toda a soja precoce já foi colhida, apresentando rendimentos de 4,2 a 5,7ton/ha nas regiões de Campos Novos, Canoinhas e Mafra. Na medida em que os trabalhos avançam com as variedades de ciclo normal, a produtividade tem declinado um pouco, situando-se entre 3,9 e 4,5 t/ha.

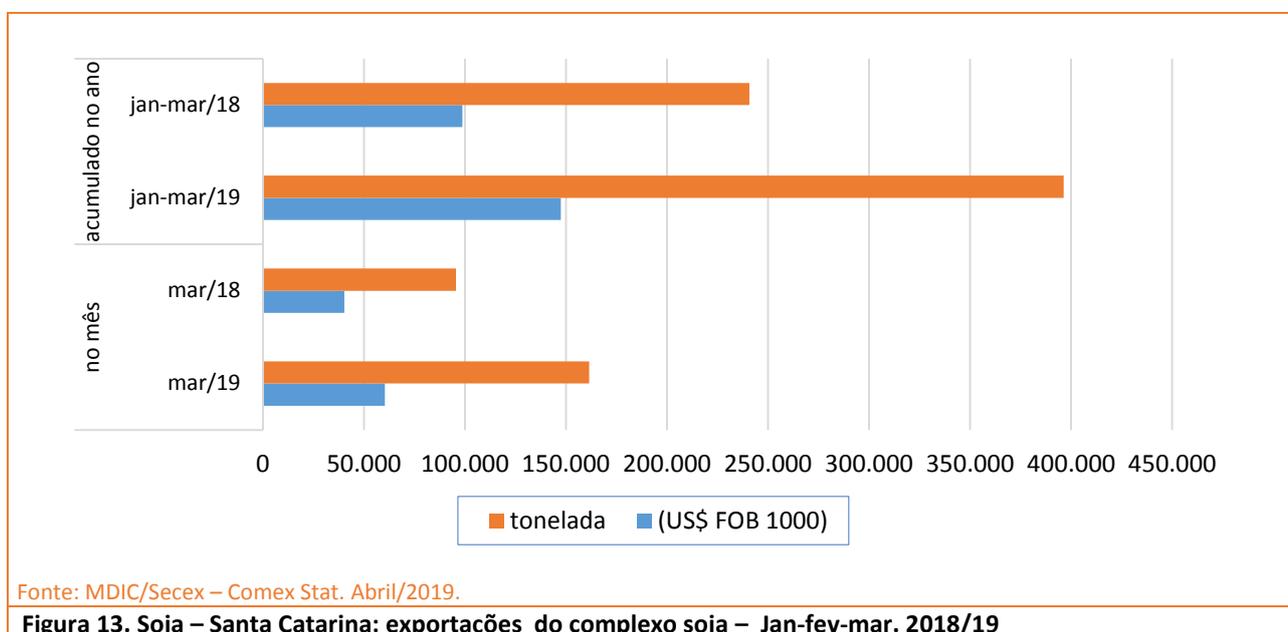
Safra nacional⁴

Soja: crescimento de 1,8% na área de plantio e redução de 4,6% na produção, atingindo 113,8 milhões de toneladas. As regiões Centro-Oeste e Sul representam mais de 78% desta produção.

⁴ Conab/accompanhamento da safra brasileira de grãos/v. 6 - Safra 2018/19, n.7 - Sexto levantamento, abril 2019.

Exportações Catarinenses

As exportações do complexo soja por Santa Catarina⁵ continuam apresentando um forte aumento, no primeiro trimestre de 2019, com alta superior a 60% frente ao mesmo período do ano passado. No entanto, quanto aos valores obtidos, este incremento foi menor. O preço médio da soja em grão exportada apresentou queda frente ao valor médio praticado em 2018. No ano passado (jan.-fev. Mar/18), a tonelada foi negociada, em média, a US\$ 410,12 e no mesmo período de 2019 a US\$ 371,57, um recuo de 9,4%. Dos itens que compõe o complexo soja, a soja em grão responde por mais de 98% do volume exportado, sendo o óleo de soja o segundo item, com 4.922 toneladas, farinha e torta de soja com volumes menores. Os principais destinos da soja exportada no trimestre foram: China (80,3%), Vietnã (14%), Rússia (5,2%) e outros destinos 0,5%. Assim, a China responde por um percentual elevado das exportações, levando a uma forte dependência deste mercado.



⁵ Informação diz respeito a UF de origem do produto, conforme: MDIC/Secex – Comex Stat. Abril/2019.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

No mês de março, os preços do trigo pagos aos produtores oscilaram muito pouco em relação a fevereiro. No mercado balcão (preço pago ao produtor) de Santa Catarina e no Paraná a variação foi negativa em 0,1% e 0,7%, respectivamente. No Rio Grande do Sul ocorreu variação positiva de 1,12%. Com moinhos abastecidos, a procura pelo produto no mercado interno foi muito baixa. Mesmo assim, os preços se mantiveram estáveis, com produtores atentos à alta do dólar e ao clima adverso em tradicionais produtores de trigo, como Argentina e Estados Unidos.

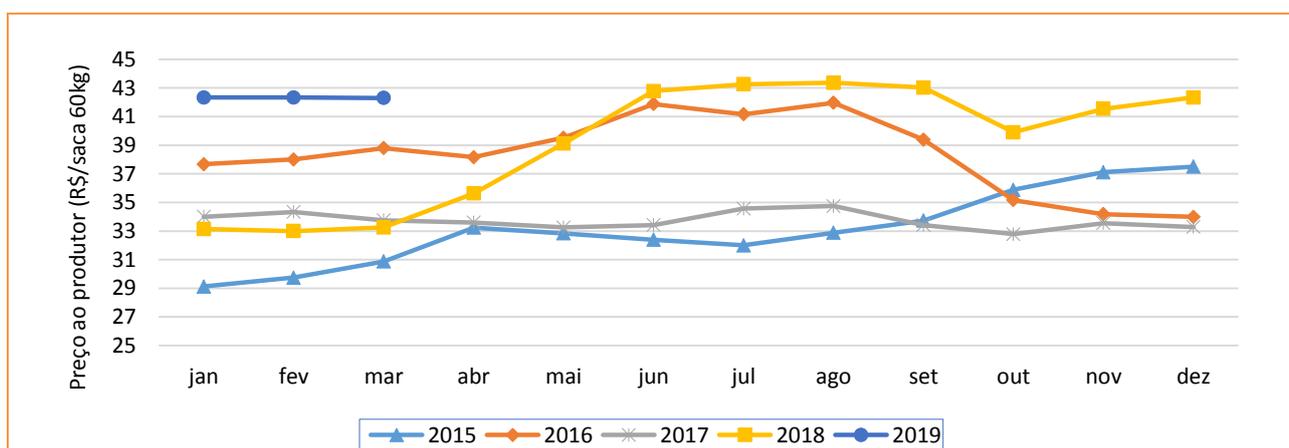
Tabela 10. Trigo Grão – preços médios pagos ao produtor – safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

Estado	Mar./19	Fev./19	Variação mesal (%)	Mar./18	Variação anual (%)
Santa Catarina	42,30	42,33	-0,07	33,35	26,84
Paraná	48,32	48,64	-0,66	35,25	37,08
Rio Grande do Sul	41,41	40,95	1,12	30,70	34,89
São Paulo	54,58	53,88	1,30	41,96	30,08

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78; RS e SP - Trigo em grão nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Março, 2019.

Nos três primeiros meses deste ano, as cotações da saca de trigo se mantiveram em patamares bastante altos para a época do ano. Em relação à safra passada, no mês de março o produtor está recebendo pela saca de 60kg um valor, em termos nominais, superior em cerca de 27%. É o melhor preço no período para as últimas quatro safras. A tendência para os próximos meses é que esses preços se mantenham.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 14. Trigo – Santa Catarina: sazonalidade do preço médio recebido pelo produtor catarinense – 2015-19

Como anunciado no boletim passado, a fixação do novo valor do preço mínimo para comercialização (R\$ 42,49/sc 60kg) para o trigo pelo Governo Federal, através da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), aliada ao atual cenário de mercado, sem grandes variações negativas nas cotações do trigo, pelo menos nesse início de ano podem estimular produtores a investir na cultura para a próxima safra.

O aspecto negativo foi o recente anúncio do Governo Federal que para a próxima safra poderá haver isenção da Tarifa Externa Comum (TEC) de 10% para países fora do Mercosul, o que deixou muitos produtores receosos, pois seriam cerca de 750 mil toneladas provenientes dos Estados Unidos que entrariam no país sem a cobrança da TEC. Trata-se de um volume relativamente pequeno, mas a notícia causou certo impacto no mercado. É importante destacar que essa tarifa surgiu com o Tratado de Assunção assinado em 1995, quando os quatro Estados Partes do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) adotaram a tarifa externa comum. Segundo as diretrizes estabelecidas, a TEC deve incentivar a competitividade dos Estados Partes e seus níveis tarifários devem contribuir para evitar a formação de oligopólios ou de reservas de mercado.

Em março, segundo dados do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), divulgados pela Abitrigo (Associação Brasileira da a Indústrias do Trigo), as importações de trigo em grão somaram 655,53 mil toneladas, volume 41,2% acima do de março de 2018. Deste total, 92,1% tiveram como origem a Argentina, 4,3% vieram do Paraguai e 3,6%, dos Estados Unidos. Em março, os estados que mais importaram trigo foram São Paulo (21,7%), Paraná (16,5%), Ceará (10,2%), Rio Grande do Sul (4,7%) e Santa Catarina (4,3%). Ainda de acordo com os dados do MDIC, nos últimos três anos o volume médio de trigo importado pelo Brasil foi de 6,56 milhões de toneladas. Até março deste ano, foram importadas cerca de 1,9 milhões de toneladas, ou seja 28,6% do volume médio anual foram importados somente nos três primeiros meses do ano.

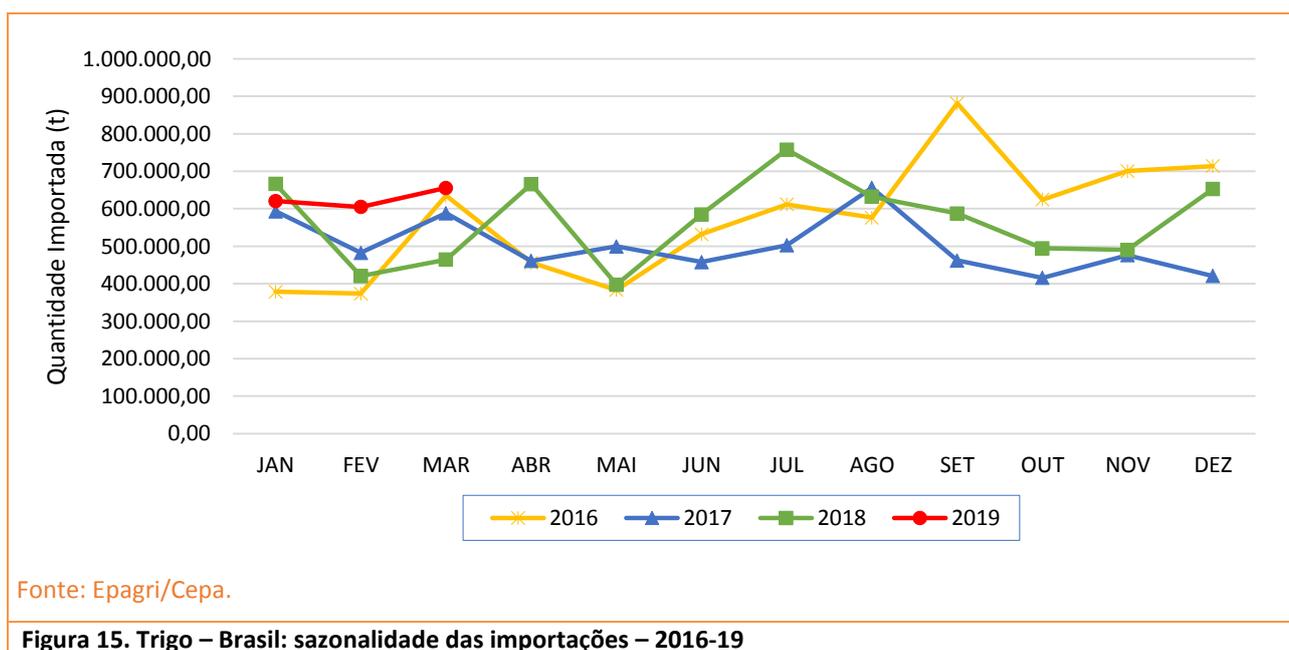


Figura 15. Trigo – Brasil: sazonalidade das importações – 2016-19

Em relação à safra 2019/20, a Conab estima que sejam cultivados 2,04 milhões de hectares de trigo no Brasil, além de uma recuperação de produtividade de 3,8%, o que poderá resultar em uma safra de 5,63 milhões de toneladas do grão, o que representará um aumento de 3,7% na produção. No Rio Grande do Sul, a expectativa é que não ocorra um acentuado aumento de área, mas poderá haver aumento de produtividade e, conseqüentemente, da produção. No Paraná, estado que produz praticamente metade do trigo nacional, as estimativas apontam que deverá haver redução na área plantada na ordem de 6%, mas a produtividade deverá crescer cerca de 24% e a produção cerca de 18%. Para Santa Catarina, as expectativas são que a área plantada não deverá sofrer grande variação e a produtividade deverá aumentar um pouco, desde que o clima colabore.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Importação de alho tem volume menor em março

Permanecem as dificuldades no setor da produção de alho catarinense. Embora com algumas sinalizações de avanço nos preços, a reação não foi suficiente para melhorar as condições dos produtores. Por outro lado, seguem as negociações da pauta junto aos órgãos responsáveis pelas políticas públicas e aos bancos, no sentido de encontrar saídas para a grave crise que os produtores enfrentam, consequência de duas safras com resultados econômicos ruins, proporcionados especialmente pelo abarrotamento do mercado internacional ocasionado pelo alho chinês, que produz 80% da hortaliça no mundo.

O alho argentino tem contribuído para a pequena reação no mercado, cujo preço FOB em março foi de US\$ 1,39/kg, enquanto o alho chinês apresentou preço FOB de US\$ 0,82/kg. Desta forma, o produto do país vizinho, desde o início da safra, tem puxado o preço no mercado. Em ambos os casos, houve pequeno aumento. No caso argentino, o aumento foi de US\$ 1,21/kg para US\$ 1,39/kg, ou seja, 12,94%. Para o produto chinês o crescimento foi de US\$ 0,78/kg para US\$ 0,82/kg, aumento de 4,87%.

O valor médio FOB do alho importado pelo Brasil no mês de março foi de US\$ 1,29/kg, contra US\$ 1,14/kg em fevereiro.

Em termos comparativos, a evolução dos preços FOB no mês de janeiro 2019 foi de US\$ 0,99/kg. Desta forma, percebe-se uma certa recuperação dos preços no mercado internacional, cujo crescimento em 2019 foi de 28,78% em três meses. De qualquer forma, muito distante dos valores do primeiro semestre de 2017, quando o preço médio FOB ficou acima de US\$ 2,00/kg.

Com a possível redução da produção na China para a próxima safra, como está sendo sinalizando por algumas fontes, é possível que essa recuperação de preços internacionais se mantenha nos próximos períodos.

Se por um lado há indícios de recuperação dos preços no mercado internacional, mesmo que incipientes, especificamente para os produtores de Santa Catarina o grande desafio é encontrar possíveis saídas que amparem os produtores, cujo estado é berço nacional da produção da hortaliça e vive momento crucial quanto ao futuro da atividade, especialmente em relação ao alto endividamento dos mesmos. Além disso, é necessário criar as condições e buscar os recursos financeiros de custeio para a implantação da próxima safra, que logo terá início.

Para registro e comparação de volumes importados pelo Brasil e a distribuição no tempo, apresentamos o quadro abaixo com os dados das importações de alho pelo Brasil nos anos de 2016, 2017, 2018 e até março de 2019, segundo o Comexstat/MDIC.

Conforme pode ser visto, após janeiro e fevereiro de 2019 terem batido o recorde de importações em relação ao mesmo período dos anos anteriores, o mês de março foi de redução de volume internalizado, alcançando 13,59 mil toneladas.

Dessa forma, o primeiro trimestre de 2019 apresenta importações menores para o período, em relação aos anos de 2016 e 2018.

No primeiro trimestre de 2017, o volume internalizado foi de 35,42 mil toneladas, quantidade bem inferior aos demais anos para o período, situação basicamente provocada pela menor oferta da China, em função de problemas climáticos naquela safra.

Em termos de volume médio mensal no primeiro trimestre de cada ano, aponta que em 2016 foram importadas 16,84 mil toneladas, em 2017, 11,80 mil toneladas, o menor volume dos quatro anos, em 2018, a média foi de 16,35 mil toneladas e em 2019 15,97 mil toneladas. Esta situação mostra que as importações tendem a ficar próximas dos patamares históricos.

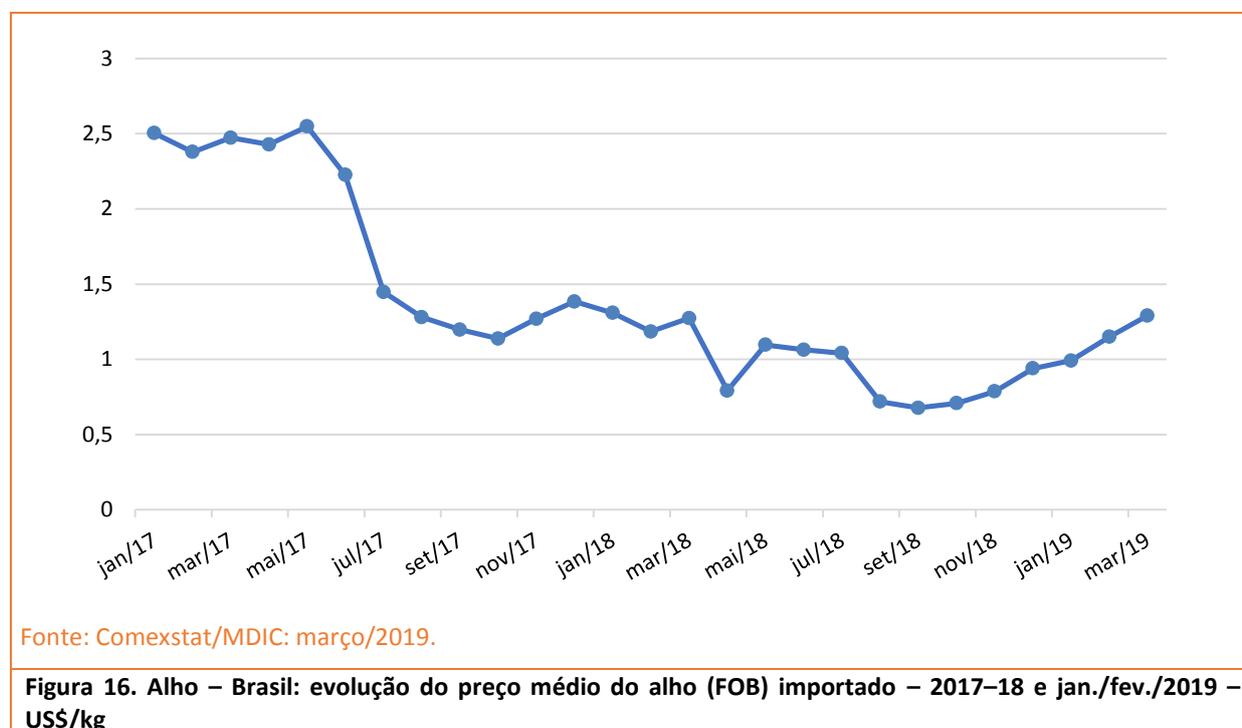
Tabela 11. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47,92

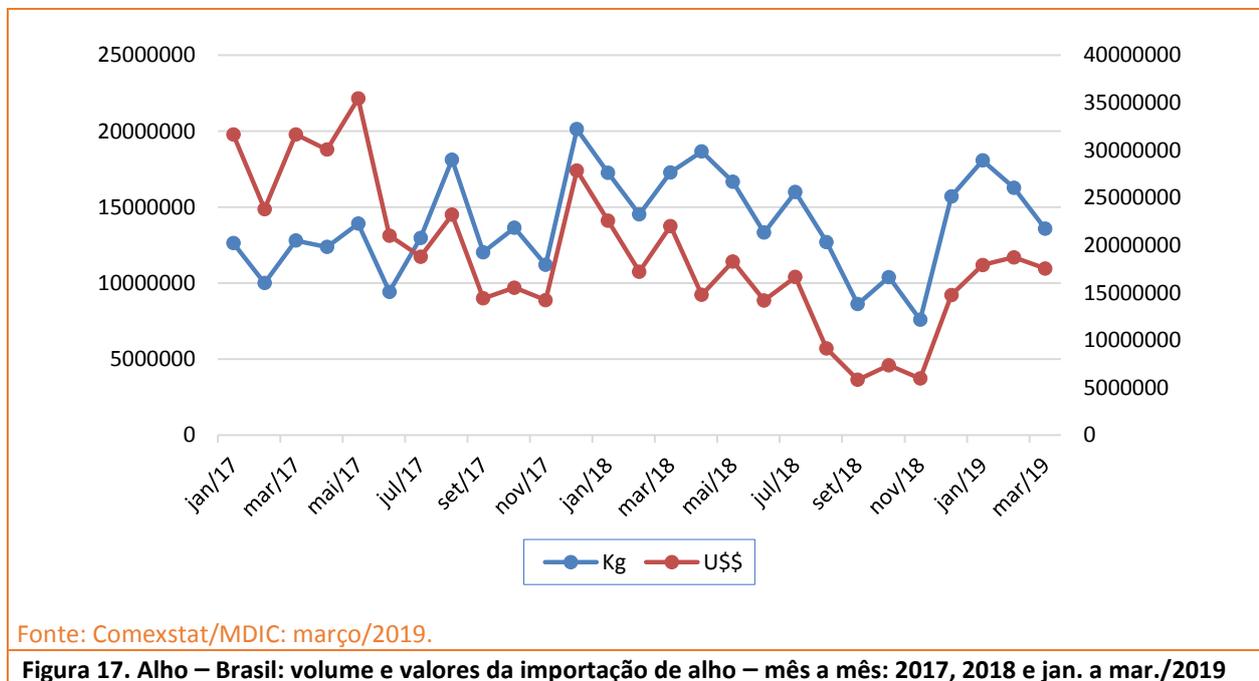
Fonte: Comexstat/MDIC: abril/2019.

Na figura 16 apresentamos a evolução dos preços internacionais (FOB) do alho. Percebe-se que até junho de 2017 os preços internacionais estavam superiores a US\$ 2,00/kg. Já no mês seguinte, julho/17, há uma importante queda nos preços, ficando abaixo de US\$ 1,50/kg, permanecendo até o mês de março deste ano neste patamar.

Por outro lado, após o pior preço alcançado em setembro de 2018, cujo valor foi de US\$ 0,68/kg, ocorreu uma recuperação dos preços internacionais. Nesse sentido, o valor alcançado em março de 2019 é o melhor preço mensal desde fevereiro de 2018, ou seja, dos últimos 14 meses.



Ainda em relação às importações de alho pelo Brasil, abaixo ilustração que apresenta a evolução do volume importado e os níveis de dispêndios de recursos da importação nos anos de 2017 e 2018 e no primeiro trimestre de 2019.

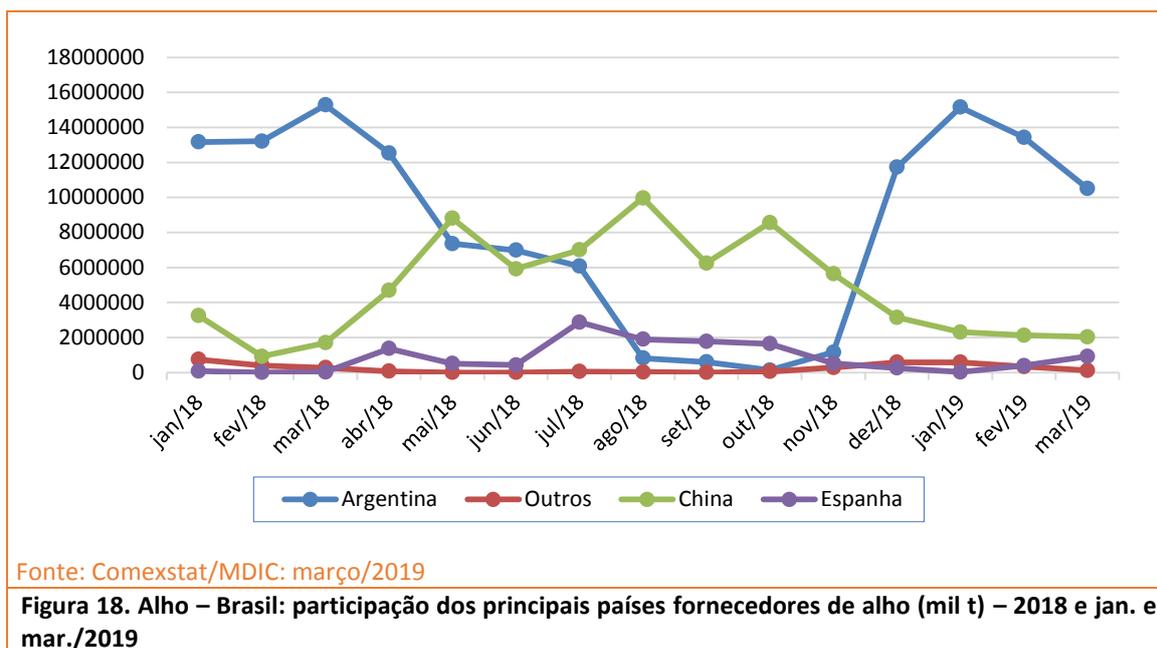


Na figura 18, apresenta-se a participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e janeiro a março de 2019.

O período em que a Argentina é o maior fornecedor ao Brasil é de dezembro a abril do ano seguinte, coincidindo com a colheita e comercialização da safra catarinense. Já a China entra forte no nosso mercado nos meses de abril até novembro de cada ano, justamente na entressafra da produção argentina.

A Espanha tem sua participação mais acentuada no mercado brasileiro, embora em volumes menores, nos meses de junho a outubro de cada ano.

Das 13,58 mil toneladas internalizadas no mês de março de 2019, 10,51 mil toneladas vieram da Argentina, perfazendo 77,39% do total; da China, foram 2,03 mil toneladas, ou 19,31%; os demais fornecedores participaram com apenas 3,3%, equivalendo a 1,04 mil toneladas.



Em relação à comercialização da safra catarinense, o mês de março/19 seguiu com uma lenta melhoria nos preços pagos ao produtor. Nas últimas semanas, o alho roxo nobre classe 4 foi comercializado a R\$ 4,30/kg, A categoria classe 5, a R\$ 6,60/kg e as classes 6 e 7 a R\$ 7,70/kg.

Em relação ao alho indústria, o preço pago ao produtor foi de R\$ 1,30/kg, alho classe 2 a R\$ 2,00/kg e alho classe 3 a R\$ 3,00/kg.

Como registrado em boletins anteriores, em função de problemas climáticos, dentre outros, a qualidade da produção catarinense foi bastante prejudicada nesta safra, fazendo com que as categorias alho indústria e classes 2 e 3 alcançassem volumes acima de 60% do total produzido, acarretando em grandes perdas aos produtores.

No mercado atacadista, no mês de março os preços permaneceram estáveis. No dia 04/04/19, na Ceagesp, em São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5, foi comercializado entre R\$ 13,97/kg e R\$ 15,95/kg, Classe 6, de R\$ 15,49/kg a R\$ 17,30/kg e a categoria classe 7 foi comercializada no patamar de R\$ 17,00/kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5 foi comercializado a R\$ 8,33/kg a R\$ 11,50/kg, respectivamente, no período.

Na Ceagesp, o alho argentino, classes 5 e 6 foi comercializado, no período, a R\$ 12,42/kg e R\$ 14,36/kg, respectivamente, e o classe 7 até a R\$ 15,39/kg.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Preço ao produtor catarinense se manteve bom no mês de março

A comercialização da safra catarinense de cebola se aproxima do final neste mês de abril nas principais regiões produtoras do estado, como no Alto Vale do Itajaí, onde já foi comercializada 90% da produção, e na região de Lebon Régis.

A safra pode ser considerada boa aos produtores, embora tenham ocorridos alguns problemas climáticos no decorrer do ciclo de desenvolvimento. No conjunto, pode-se afirmar que os produtores catarinenses colheram uma safra com bons resultados econômicos. Esta situação se deu pelas condições de mercado, cujos preços permaneceram em patamares acima do custo de produção.

No mês de março, a oferta da produção nordestina não foi constante, de modo que, em alguns períodos, a oferta foi insuficiente, criando condições de mercado favoráveis à comercialização da produção sulista com bons preços ao produtor. A ocorrência de chuvas nas regiões produtoras do Nordeste impossibilitou a colheita, fator que influenciou na redução da oferta e, por consequência, oportunizou condições favoráveis à comercialização da produção catarinense, com elevação nos preços.

O mercado nacional está sendo abastecido, basicamente, pela produção nordestina e pelos estoques finais da produção catarinense. Além disso, toma corpo a importação de cebola argentina, como pode ser visto no quadro sobre os países fornecedores de cebola ao Brasil.

Os estoques dos principais países exportadores continuam baixos, situação que vem desde meados de 2018. Essa situação do mercado internacional contribuiu decisivamente para que a comercialização da safra catarinense ocorresse numa conjuntura bastante favorável, resultando em bom retorno aos produtores, pois os preços estiveram sempre acima dos custos de produção.

No mês de março os produtores catarinenses comercializaram a cebola com preços variando de R\$ 1,40/kg a R\$ 2,00/kg.

No mercado atacadista, na Ceasa/SC/USJ, na primeira semana de março o preço foi de R\$ 1,67/kg. No decorrer do mês, com o reflexo da menor oferta da região Nordeste, os preços atingiram R\$ 2,25/kg no dia 25 de março. No início de abril, os preços se mantiveram e iniciaram a segunda semana do mês chegando a R\$ 2,50/kg. Em relação ao início de março, o crescimento no preço foi de 33,2%.

Na Ceagesp/SP, maior central de abastecimento brasileira, os preços da cebola média nacional tiveram acréscimos importantes, reflexo da redução da oferta no mês de março. O mês iniciou com preço de R\$ 2,60/kg, fechando a R\$ 3,14/kg, perfazendo 20,77% de aumento. Já o mês de abril iniciou com uma pequena queda. No dia 04, o preço da cebola média nacional foi de R\$ 2,99/kg e no dia 08 alcançou R\$ 3,10/kg, porém mantendo aumento de 15,00% e 19,23%, respectivamente em relação ao início do mês anterior.

A cebola importada argentina fechou o mês de março a R\$ 3,66/kg, oscilando para R\$ 3,40/kg no início da segunda semana de abril, uma redução de 7,10% no período. A cebola argentina está entrando com preços altos, em função da qualidade, mas não afetando, até o momento, a comercialização da produção nacional.

Não obstante a falta de tradição na exportação de cebola, em algumas situações vender para outros países é uma boa alternativa para desafogar o mercado interno, como ocorreu no segundo semestre de 2018 com a produção paulista.

No ano de 2018 as exportações brasileiras de cebola foram de 21,75 mil toneladas, ao valor de US\$ 3,42 milhões, perfazendo uma média de US\$ 0,157/kg, média mais baixa do período. No primeiro trimestre de 2019, o volume atinge apenas pouco mais de 88 toneladas, porém, o valor por kg é o maior dos últimos 4 anos.

Tabela 12. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e jan. a mar./2019			
Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	95.434	88.061	1,084

Fonte: Comexstat/MDIC – abril/2019.

O Brasil importou 32,47 mil toneladas no mês de março/19, contra 6,46 toneladas em fevereiro, um crescimento de 502,63%, significando uma retomada importante para o período. Comparando com março de 2018, quando o volume total importado mês foi de 22,54 mil toneladas, houve um crescimento de 44,05%.

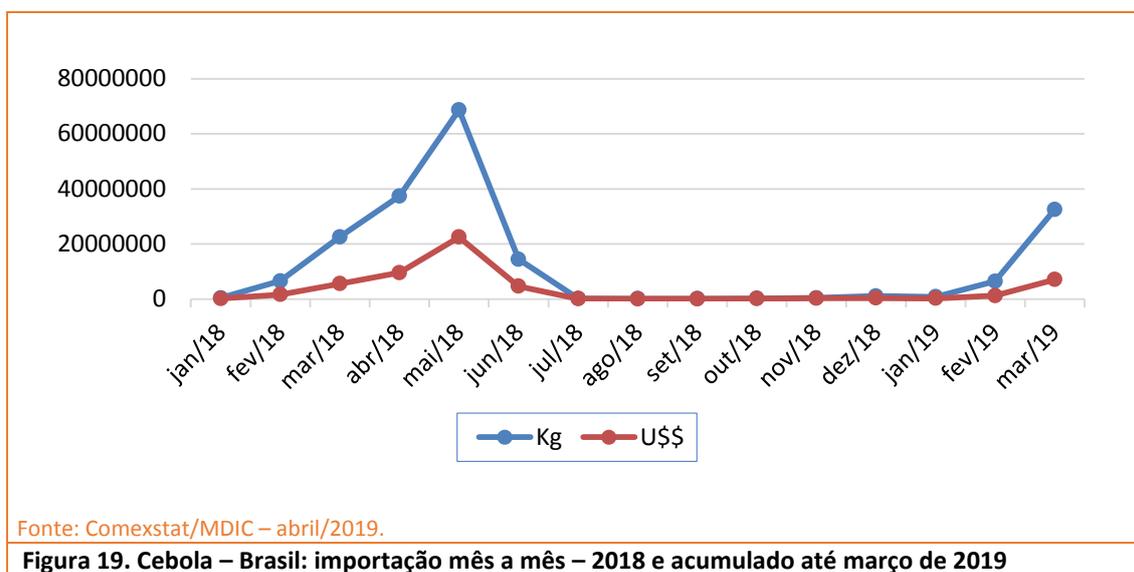
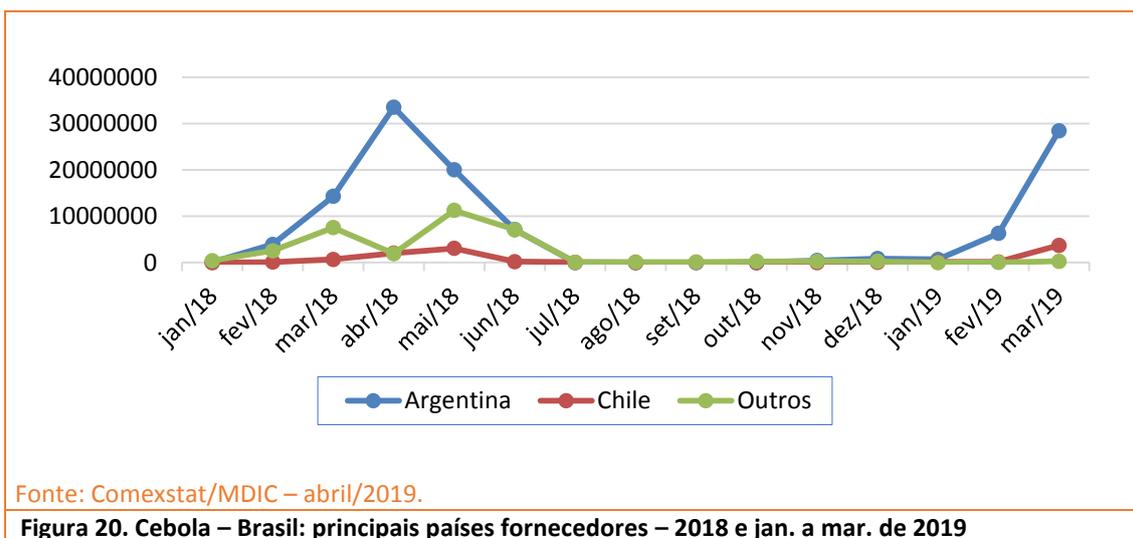


Figura 19. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e acumulado até março de 2019

No mês de março ocorreu uma interrupção na sequência de redução de preços que vinha desde o final de 2018. Após atingir o menor valor em fevereiro, com US\$ 0,19/kg, no mês de março o preço FOB da cebola importada pelo Brasil foi de US\$ 0,218/kg, puxado pela alta qualidade da cebola argentina.



Em março, os países fornecedores de cebola ao Brasil foram a Argentina, com 28,44 mil toneladas(87,59% do total), o Chile, com 3,73 toneladas (11,49%) e outros países com 291 toneladas(0,89%).

Pecuária

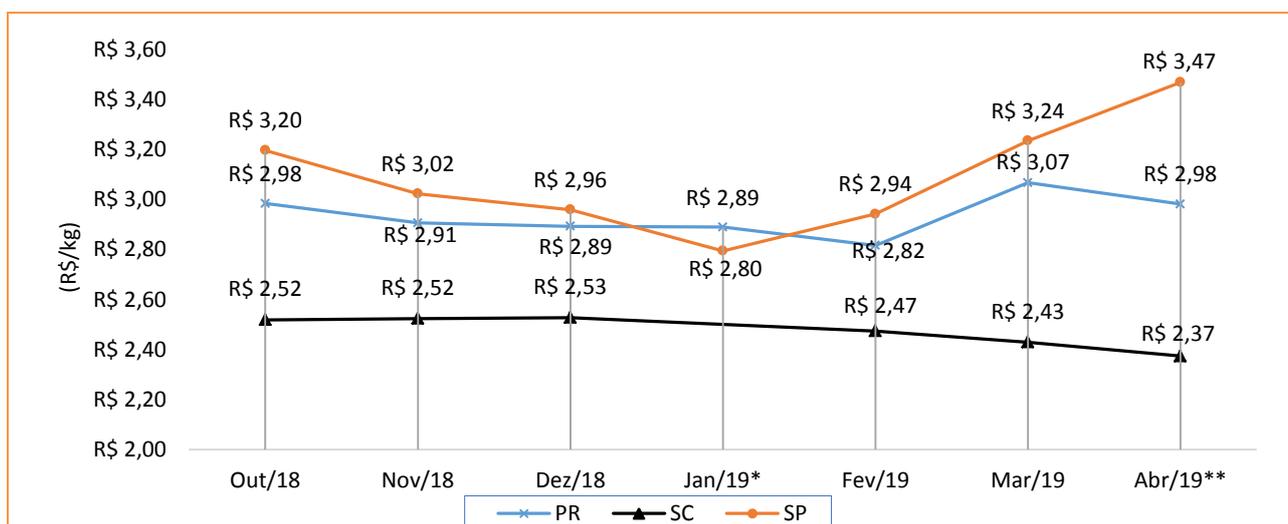
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços nacionais e estaduais

Dos três estados em que o preço do frango vivo é acompanhado, dois registraram variação negativa em abril (valor preliminar), em comparação com março. No Paraná, a queda é de 2,79%, enquanto Santa Catarina registra -2,30%. Em São Paulo, observa-se crescimento de 7,23%.

Na comparação dos preços atuais com os praticados em abril de 2018, as diferenças são bastante expressivas: aumento de 57,53% em São Paulo, 21,39% no Paraná e 7,57% em Santa Catarina. Para fins de referência, a inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo IPCA/IBGE, é de 4,58%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

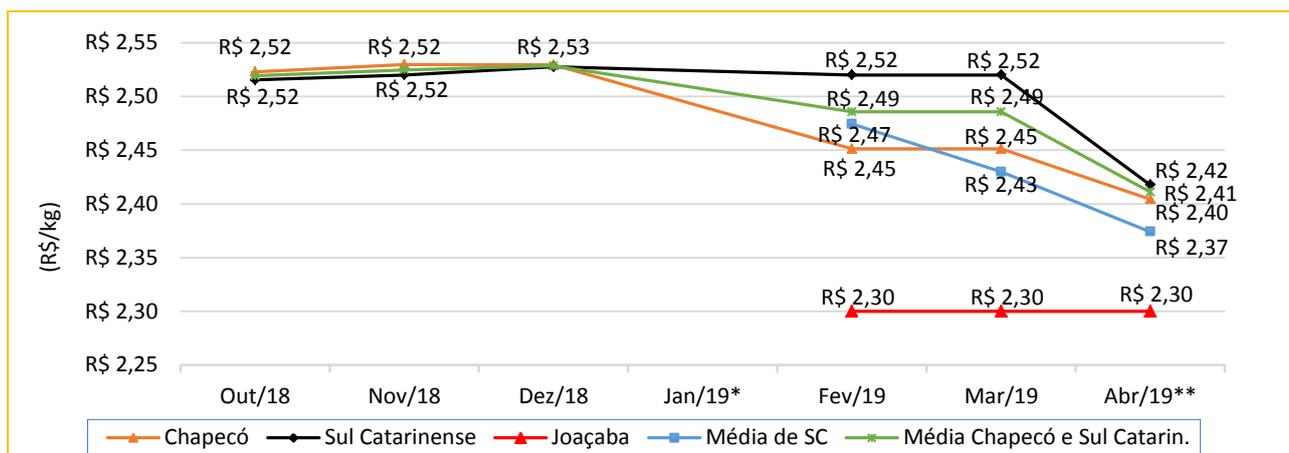
* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/abr./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Figura 21. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores – 2018/2019

Em abril, os preços de Joaçaba mantiveram-se inalterados em relação a março. Em Chapecó e no Sul Catarinense registraram-se quedas de 1,91% e 4,06%, respectivamente, enquanto a média estadual caiu 2,30%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

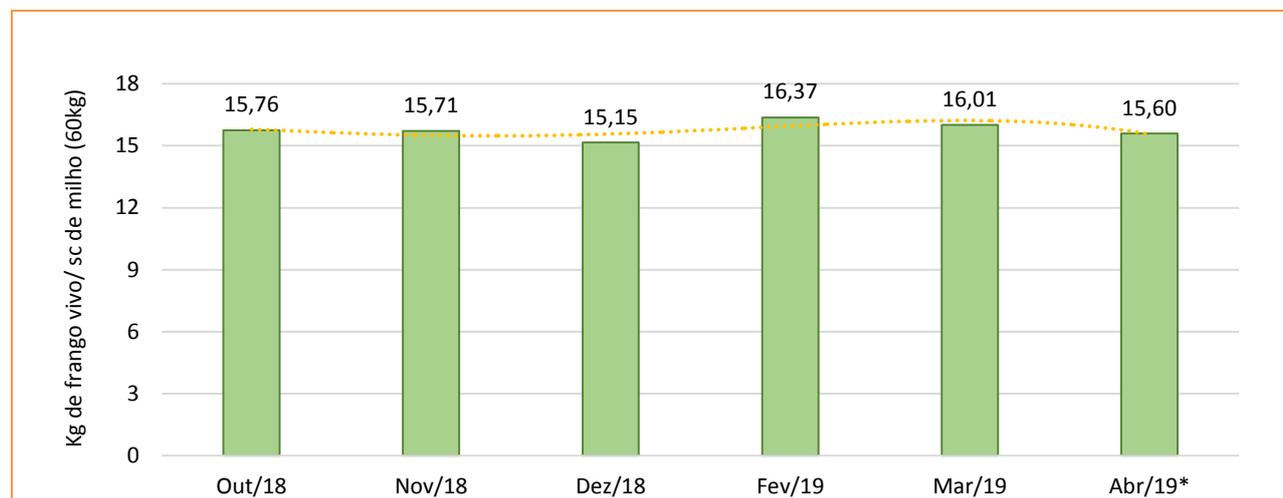
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/abr./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 22. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio nominal⁽¹⁾ pago aos avicultores em três praças distintas, média estadual e média das praças de Chapecó e Sul Catarinense – 2018/19

Insumos e custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em março o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) apresentou variação positiva de 0,24%. Desta vez, a responsabilidade pelo aumento não recai sobre a alimentação, que apresentou recuo de 0,80%, mas foi decorrente, principalmente, dos pintos de 1 dia, cujo preço subiu 1% em março. Nos últimos 12 meses, a variação do índice é de 3,88%, abaixo, portanto, da inflação registrada no mesmo período.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 01 a 12/abr./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

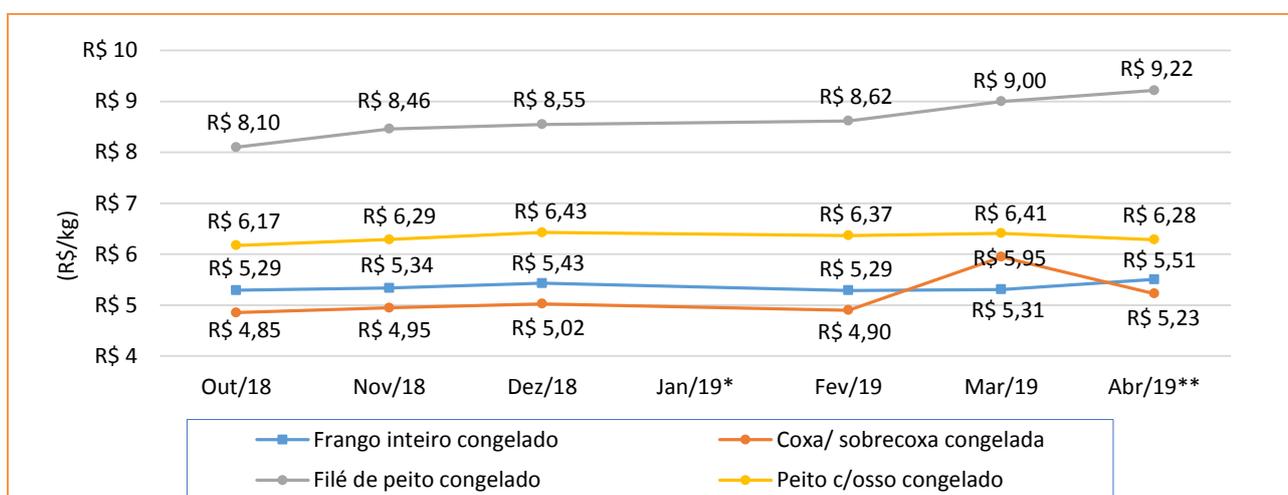
Figura 23. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir um saco de milho – 2018-19

Após a alta de fevereiro, em março a equivalência insumo-produto voltou a apresentar o movimento de queda predominante desde o último trimestre do ano passado. Em abril, novamente se observou variação

negativa, cujo valor atinge -2,60% até o momento. O resultado é decorrente, principalmente, da queda no preço do milho (-4,46%) e só não foi maior por conta do preço do frango vivo, que também caiu (-1,91%). O valor deve sofrer variação mais significativa até o final de abril, uma vez que há expectativa de que o preço do milho caia ainda mais nas próximas semanas.

Atacado

Depois do predomínio das altas em março, abril se inicia com movimentos distintos no mercado atacadista, de acordo com o corte. O preço preliminar da coxa/sobrecoxa congelada apresenta queda de 12,10% (depois de um aumento de 21,32% em março), assim como o peito com osso congelado, cujo preço está 1,94% abaixo do mês anterior. Já o filé de peito congelado e o frango inteiro congelado seguem em alta, com variações de 2,42% e 3,71%, respectivamente. Na média, os quatro cortes estão 1,98% mais baratos que no mês anterior.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/abr./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 24. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual – 2018-19

Segundo relatório publicado pelo Cepea/Esalq, a redução na disponibilidade interna de carne de frango impactou o preço do produto no estado de São Paulo. O preço do frango congelado naquele estado subiu 5,65% em março. Já o frango resfriado teve alta de 5,79%.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em abril de 2018, todos os quatro cortes registram altas expressivas: coxa/sobrecoxa congelada (43,06%), filé de peito congelado (38,54%), peito com osso congelado (32,28%) e frango inteiro congelado (25,58%). A variação média é de quase 35%, ante uma inflação de 4,58% nos últimos 12 meses.

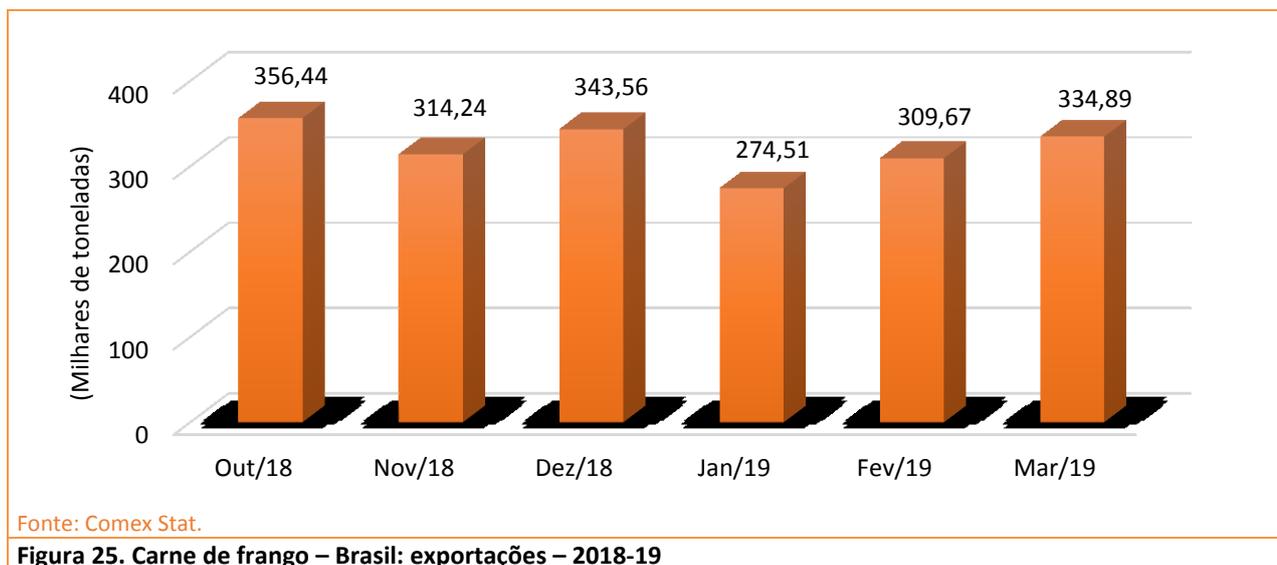
A explicação para esses números está no maior ajuste entre oferta e demanda, já que durante o ano passado observou-se queda na produção de carne de frango. Há que se considerar, também, o repasse ao consumidor da elevação dos custos de produção verificada ao longo do ano passado, bem como a recuperação parcial das margens de lucro das agroindústrias, que ficaram bastante limitadas durante 2018. Ao analisarmos os preços de abril de 2017, verifica-se que a variação média dos quatro cortes em relação aos valores atuais foi de apenas 8,71%, ao passo que a inflação dos últimos 24 meses foi de 7,38%.

Recentemente, a BRF anunciou a suspensão do abate de frangos na unidade de Carambeí, no Paraná, por até cinco meses a partir de 27 de maio. Segundo a empresa, a decisão visa “manter os estoques em níveis adequados para a operação da companhia” e que priorizará a gestão da oferta para assegurar o

equilíbrio do sistema produtivo. Isso significa que a empresa está com grande quantidade de produtos em estoque e seu volume de produção acima do nível de comercialização. Essa situação provavelmente está relacionada ao descredenciamento de 12 unidades da BRF que exportavam para a União Europeia após a terceira fase da Operação Carne Fraca, em março de 2018, além da demanda abaixo do esperado no mercado interno.

Exportações

Depois de um início de ano muito ruim, observou-se uma pequena melhoria nas exportações brasileiras de carne de frango. Em março, o país exportou **334,89 mil toneladas** (*in natura* e industrializada), o que corresponde a um aumento de **8,14%** em relação a fevereiro. Mas, na comparação com março de 2018, a variação é negativa: **-8,96%**.



As receitas de março apresentaram situação semelhante: o faturamento de **US\$ 557,96 milhões** representa um aumento de **7,72%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 3,91%** na comparação com março de 2018.

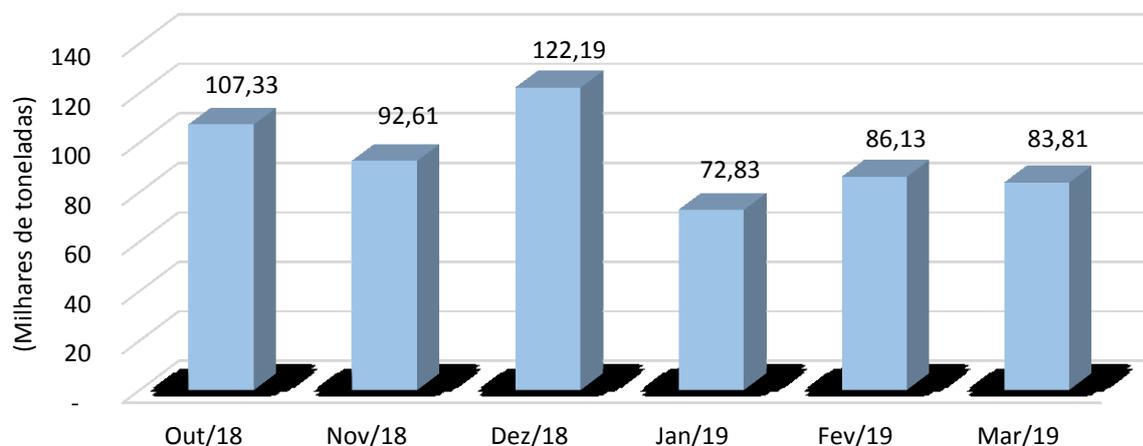
Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no mês passado foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 54,83% das receitas do período.

No 1º trimestre foram exportadas 919,08 mil toneladas de carne de frango, com faturamento de US\$ 1,52 bilhão. Na comparação com o mesmo período de 2018, registra-se queda de 7,91% em quantidade e 4,03% em receitas.

Segundo os dados preliminares divulgados pelo Ministério da Economia, na primeira semana de abril (5 dias úteis) registrou-se queda na média diária dos embarques de carne de frango *in natura* em relação a março: -10,87% em valor e -11,94% em quantidade. Na comparação com abril de 2018, contudo, a variação nas médias diárias é positiva: 37,68% em valor e 31,29% em quantidade.

Em março, Santa Catarina exportou **83,81 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 2,70% em relação a fevereiro e praticamente a mesma quantidade exportada em março de 2018 (aumento de apenas 0,19%).

O faturamento foi de **US\$ 151,57 milhões**, -1,69% menos que em fevereiro, mas crescimento de **5,37%** em relação a março do ano passado.



Fonte: Comex Stat.

Figura 26. Carne de frango – Santa Catarina: exportações de carne de frango – 2018-19

No 1º trimestre, Santa Catarina exportou 242,77 mil toneladas de carne de frango, com faturamento de US\$ 431,50 milhões. Em relação ao 1º trimestre de 2018, esses montantes representam incrementos bastante significativos: 13,45% em valor e 10,62% em quantidade.

Em março, 25,03% da quantidade de carne de frango exportada pelo país teve como origem o estado de Santa Catarina.

Os cinco principais destinos responderam por 58,66% do valor exportado pelo estado em março, conforme detalhado na tabela abaixo.

Tabela 13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – março/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	29.755.395,00	15.189
China	19.821.534,00	10.593
Arábia Saudita	14.999.670,00	8.055
Emirados Árabes Unidos	12.290.500,00	6.410
Países Baixos (Holanda)	12.038.206,00	4.716
Demais países	62.666.657,00	38.848
Total	151.571.962,00	83.811

Fonte: Comex Stat.

Dentre esses cinco países, somente o Japão apresentou uma leve retração de 0,62% em quantidade. Dos demais, destacam-se a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e a Holanda, cujos valores adquiridos em março em relação ao mesmo mês de 2018 apresentaram crescimentos de 97,06%, 31,41% e 30,16%, respectivamente. A China também registrou crescimento importante de 19,55% no valor adquirido.

Por outro lado, os valores exportados para outros parceiros comerciais importantes caíram significativamente, como é o caso de Hong Kong (-42,27%), Coreia do Sul (-27,20%), México (-47,72%) e Iraque (-58,19%), o que prejudicou os resultados desse mês.

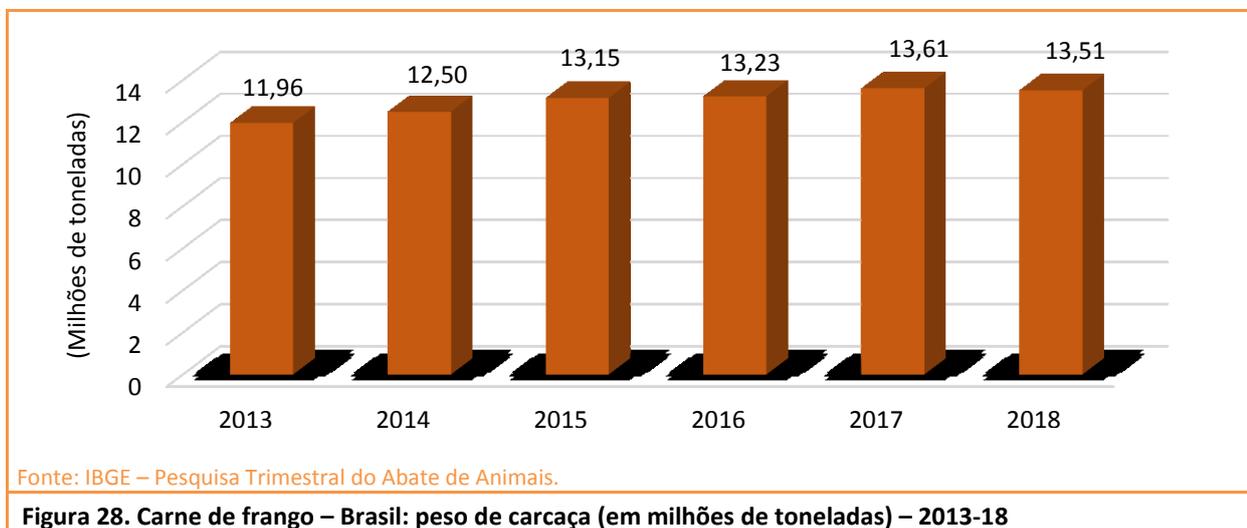
Destacamos mais uma vez que a crise vivenciada pela suinocultura chinesa, em função da detecção de mais de uma centenas de focos de peste suína africana, tende a favorecer as exportações brasileiras e catarinenses de carne de frango, já que ela é um substituto usual para a carne suína.

Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE)

Em março, o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao último trimestre de 2018, o que possibilita a análise completa do ano. Segundo o IBGE, no ano passado foram abatidos no país um total de 5,70 bilhões de frangos, queda de 2,47% em relação a 2017. Esse é o segundo ano consecutivo de queda, após o recorde anual de 2016.



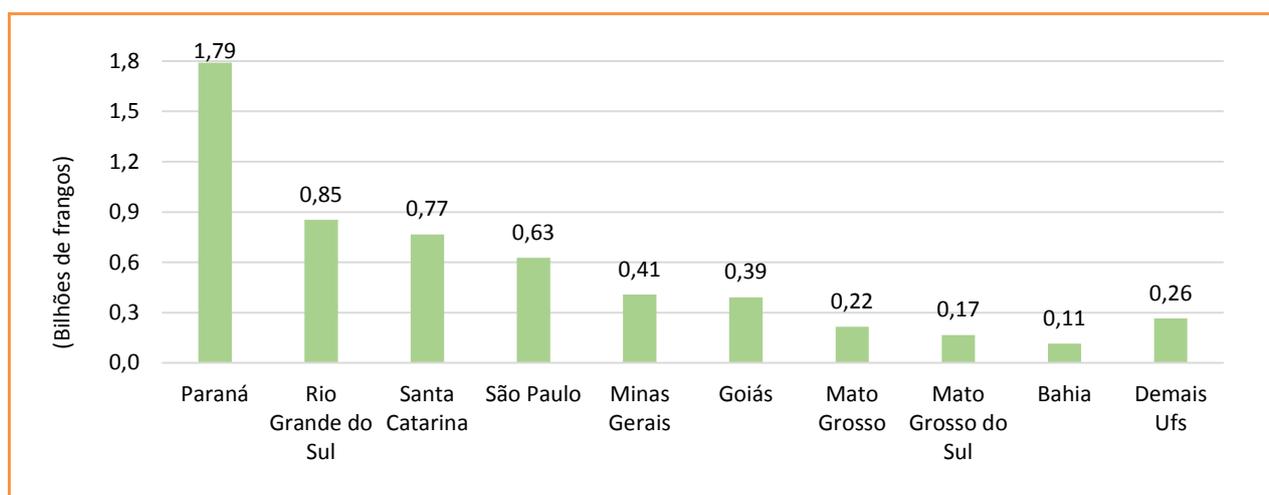
Alguns fatores ajudam a entender esse resultado. O principal deles é a queda de 5,05% na quantidade de carne de frango exportada em 2018, na comparação com o ano anterior. Além da paralisação de caminhoneiros e empresas do setor de transportes, que prejudicaram o abate de frangos e o embarque dos produtos destinados à exportação, o Brasil ainda enfrentou outros problemas relacionados ao mercado externo. Destacam-se a deflagração da terceira fase da Operação Carne Fraca, que culminou com o descredenciamento de diversos frigoríficos brasileiros que estavam habilitados junto à União Europeia, a adoção de restrições de importação por parte desse bloco e a imposição de medidas antidumping pela China, que tornaram o frango brasileiro menos competitivo nesses mercados. Além disso, o país que até então era o principal destino da carne de frango brasileira, a Arábia Saudita, reduziu significativamente suas compras, em função de novas exigências para o abate Halal. A crise econômica também contribuiu para a redução da demanda por proteínas de origem animal no mercado interno.



A produção de carne também registrou queda no ano passado, mas em índice menor que o número de cabeças. Foram produzidas 13,51 milhões de toneladas de carcaça de frango, 0,70% menos que em 2017. Isso indica um aumento no peso médio de abate dos animais.

Ainda de acordo com os dados do IBGE, o Paraná segue sendo o principal produtor de frangos do país, responsável por 31,42% das aves abatidas em 2018. Como o número de frangos abatidos em Santa Catarina caiu mais de 10%, o estado perdeu a posição para o Rio Grande do Sul, que respondeu por 14,98% dos abates. A participação de Santa Catarina foi de 13,44%.

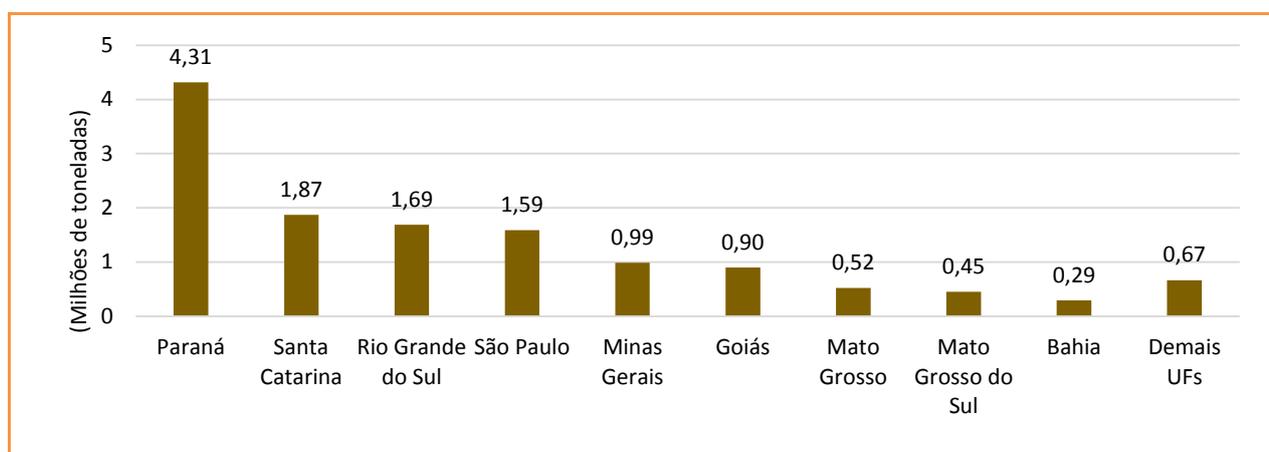
Em relação a 2017, os estados com as principais quedas no abate de frangos foram Santa Catarina (-93,55 milhões de cabeças), Paraná (-50,50 milhões), São Paulo (-18,44 milhões) e Minas Gerais (-17,04 milhões).



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Figura 29. Frangos – Brasil: quantidade de aves abatidas por UF (em bilhões) – 2018

Embora Santa Catarina tenha sido ultrapassado pelo Rio Grande do Sul no número de frangos abatidos em 2018, em termos de produção de carne (equivalente carcaça), as posições mantiveram-se inalteradas em relação a 2017. Isso significa que o peso médio das aves abatidas em Santa Catarina foi significativamente superior ao registrado no Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Figura 30. Carne de frango – Brasil: peso de carcaça (em milhões de toneladas) – 2018

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Preços nacionais e estaduais

Como vem sendo observado desde o último trimestre do ano passado, em 2019 os preços do boi gordo mantêm tendência de alta. Os preços preliminares de abril registram variação positiva em relação a março em todos os estados analisados: 2,21% em São Paulo, 1,69% no Mato Grosso do Sul, 1,18% em Minas Gerais, 1,10% em Santa Catarina, 0,84% em Goiás, 0,46% no Rio Grande do Sul, 0,38% no Mato Grosso e 0,25% no Paraná.

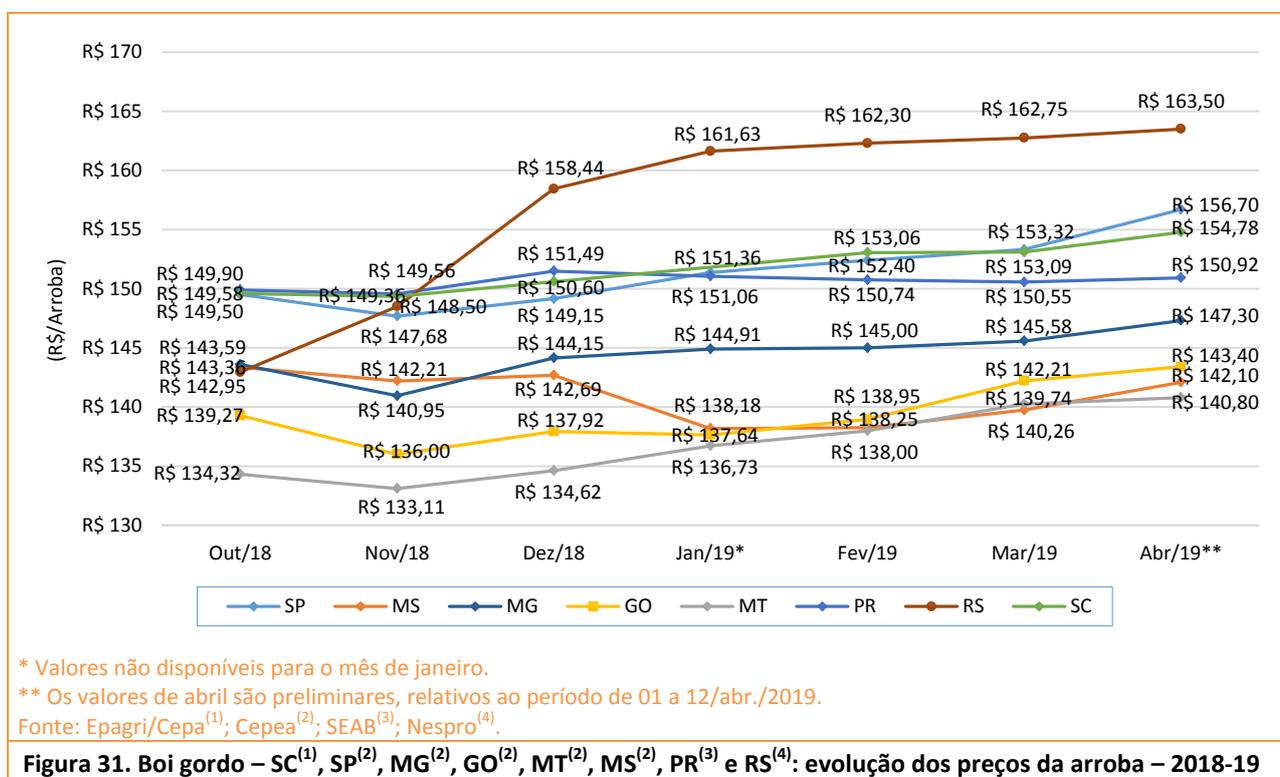
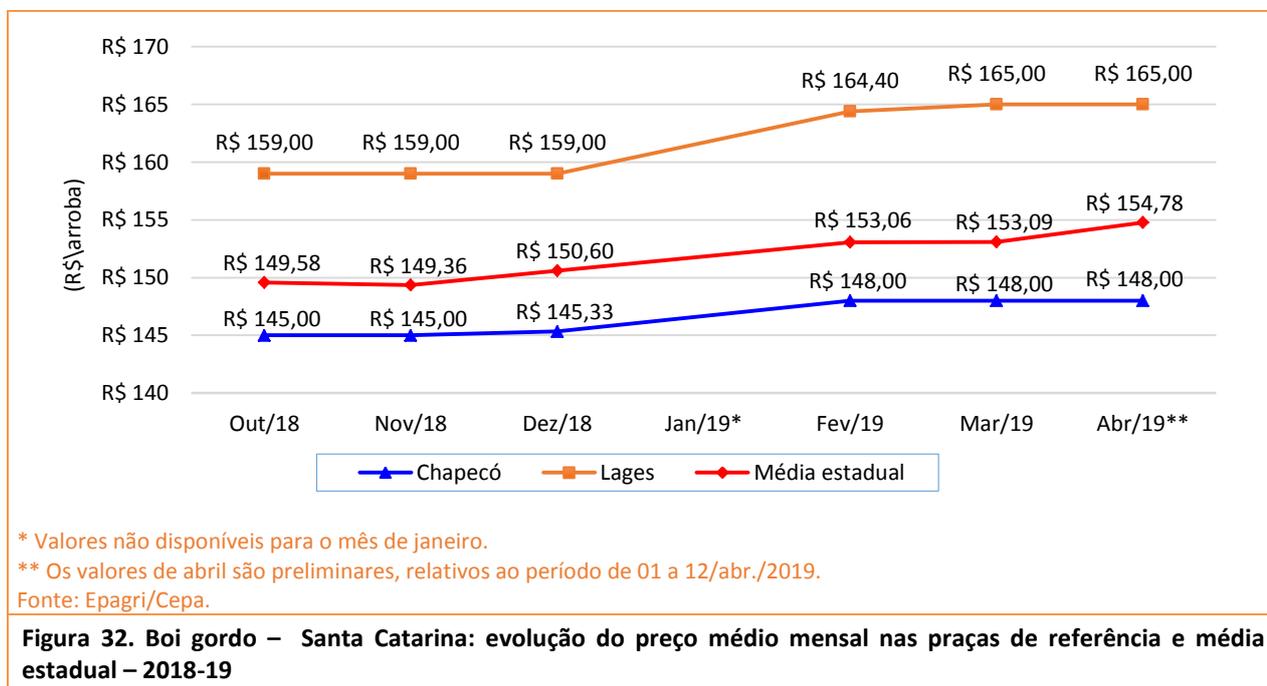


Figura 31. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – 2018-19

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em abril de 2018, as variações também são positivas e expressivas em todos os estados: 10,20% São Paulo, 9,05% em Goiás, 9,00% no Rio Grande do Sul, 8,95% em Minas Gerais, 8,76% no Mato Grosso do Sul, 6,89% no Paraná, 6,34% no Mato Grosso e 5,05% em Santa Catarina. Para fins de comparação, no acumulado dos últimos 12 meses o IPCA/IBGE registrou inflação de 4,58%.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantiveram-se estáveis entre março e abril. A média estadual, por sua vez, subiu 1,10% nesse período, mantendo o movimento de alta observado desde novembro do ano passado. Na comparação entre os preços atuais e

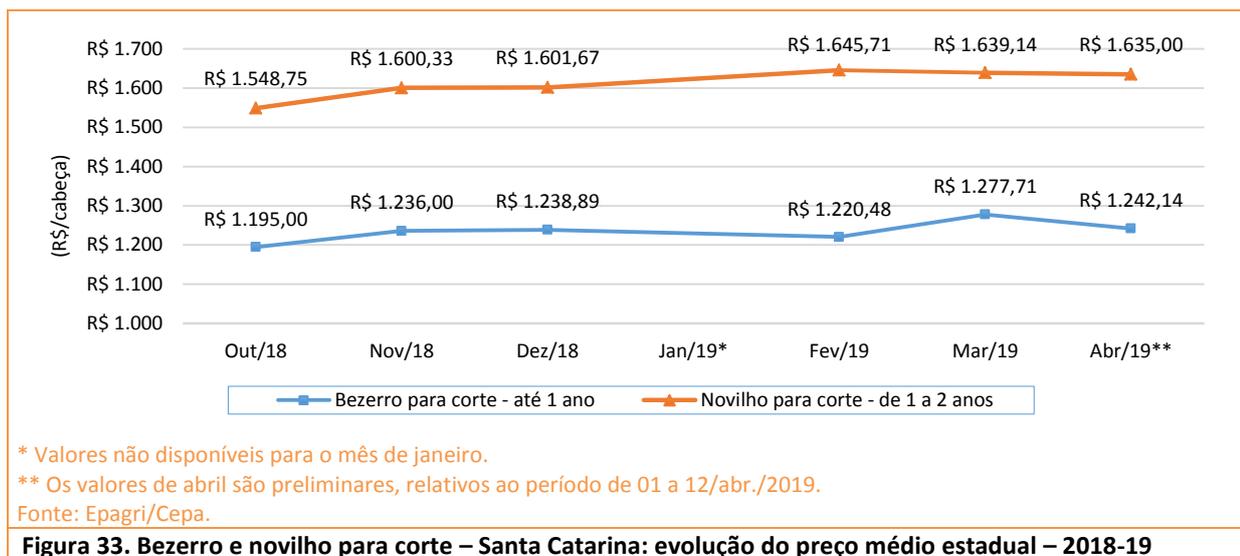
aqueles praticados em abril de 2018, a variação é de 6,86% em Chapecó e 4,15% Lages, enquanto a média estadual variou 5,05%⁶.



Insumos e custos

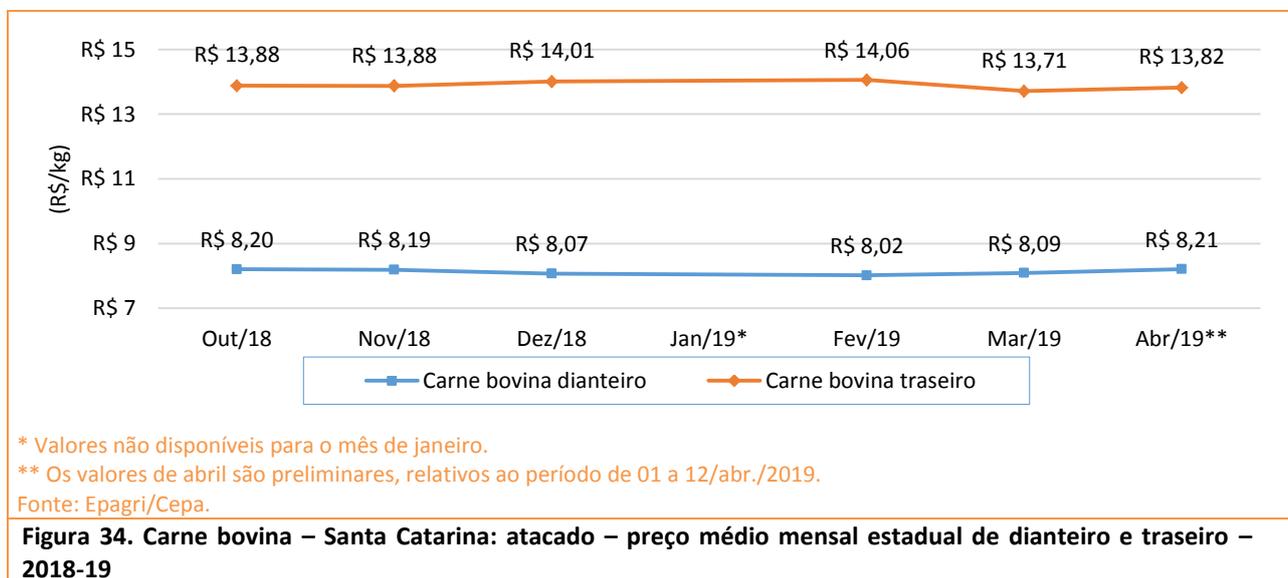
No mercado de animais de reposição, que vinha apresentando leve tendência de alta durante os últimos seis meses, começa a se consolidar um movimento de queda. O preço dos novilhos de 1 a 2 anos, que em março já havia registrado queda de 0,40% em relação ao mês anterior, apresenta novo viés de baixa no preço preliminar de abril: -0,25%. No caso dos bezerros de até 1 ano, observa-se queda ainda mais significativa em abril: -2,78%, na comparação com março. Esses movimentos têm a ver, principalmente, com a chegada do outono e a piora da qualidade das pastagens, além da cautela dos confinadores, que ainda aguardam a efetiva estabilização nos preços do milho para realizarem investimentos mais vultuosos.

⁶ Em 2018 ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. De qualquer forma, ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre abril de 2018 e abril de 2019 foi de 4,22%.



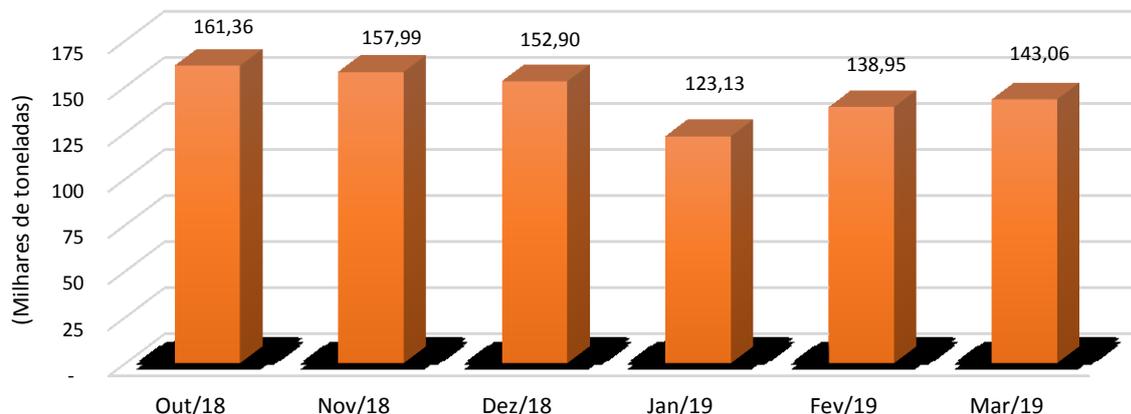
Atacado

No mercado atacadista, os dois principais cortes acompanhados pela Epagri/Cepa mantêm-se relativamente estáveis em abril, na comparação com março. De acordo com os dados preliminares, o preço da carne de traseiro apresenta leve alta de 0,79% este mês, depois de registrar queda de 2,79% em março. A carne de dianteiro, por sua vez, registrou alta de 0,90% em março e segue esse movimento em abril, com variação de 1,46%.



Exportações

Depois de iniciar o ano com resultados muito ruins em janeiro, as exportações brasileiras de carne bovina apresentaram uma aparente recuperação nos meses seguintes. Em março, foram exportadas **143,06 mil toneladas** (*in natura*, industrializada e miudezas), **2,96%** mais que no mês anterior. Contudo, na comparação com março de 2018, verifica-se **queda de 4,33%**.



Fonte: Comex Stat.

Figura 35. Carne bovina – Brasil: exportações – 2018-19

O faturamento de março foi de **US\$ 529,45 milhões**, crescimento de **2,21%** em relação a fevereiro. No entanto, na comparação com março de 2018 registra-se **queda de 10,50%**.

O resultado do 1º trimestre deste ano é positivo em termos de quantidade: foram exportadas 405,14 mil toneladas de carne bovina, 2,57% mais que no mesmo período do ano anterior. Contudo, o faturamento foi de US\$ 1,50 bilhão, 5,65% menos que no 1º trimestre de 2018.

Apesar dos resultados pouco expressivos dos primeiros meses, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) acredita que as exportações brasileiras de carne bovina deverão crescer 5% em 2019.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira responderam por 57,42% das receitas de março, conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 14. Carne bovina – Brasil: principais destinos das exportações – março/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	115.634.875,00	24.896
Hong Kong	95.178.512,00	30.246
Irã	32.839.437,00	9.319
Emirados Árabes Unidos	30.184.207,00	8.428
Chile	30.164.184,00	8.000
Demais países	225.450.291,00	62.174
Total	529.451.506,00	143.063

Fonte: Comex Stat.

China e Hong Kong, os dois principais importadores da carne brasileira, voltaram a registrar variações negativas em relação ao mesmo mês de 2018, o que contribuiu para o desempenho de março.

Outros importantes compradores também registraram variações negativas em relação a março do ano anterior, como é o caso do Chile (-29,87% em valor e -21,25% em quantidade), Egito (-50,55% e 40,55%) e Estados Unidos (-10,90% e -6,97%).

Os principais destaques positivos do período foram o Irã (crescimento de 73,16% em valor e 102,88% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (232,22% e 291,04%) e Rússia (921,86% e 1.145,57%). No que diz respeito à Rússia, é importante mencionar que a comparação se dá em relação ao período em que vigorava

a suspensão das importações de carne bovina por parte daquele país, que perdurou de dezembro de 2017 a novembro de 2018, o que explica essa variação tão significativa⁷.

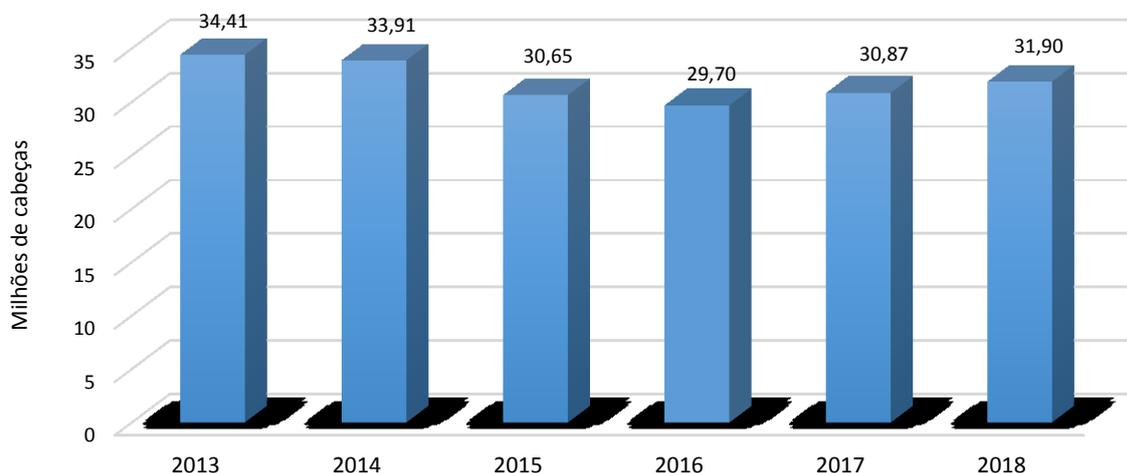
Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à primeira semana de abril (5 dias úteis), demonstram que a média diária de embarques de carne bovina *in natura* caiu 28,10% em valor e 28,89% em quantidade, na comparação com o mês anterior. Em relação a abril de 2018, por sua vez, registra-se variação positiva na média diária, com ampliação de 24,90% em valor e 32,89% em quantidade.

Depois de vários meses ruins, em março as exportações catarinenses de carne bovina voltaram a apresentar bons resultados. Foram exportadas 478 toneladas, o que representa um aumento de 35,60% em relação ao mês anterior e de 36,36% na comparação com março de 2018. Vale mencionar que esse é o maior volume mensal exportado pelo estado desde novembro de 2017. Em termos de faturamento, o US\$ 1,30 milhão de março significa um incremento de 27,30% em relação a fevereiro e de 6,98% na comparação com março do ano passado.

No acumulado do primeiro trimestre, foram exportadas 1,22 mil toneladas, com faturamento de US\$ 3,40 milhões, o que, na comparação com o mesmo período de 2018, representa variação de 0,27% em quantidade e -18,04% em valor. Hong Kong foi o destino de mais de 60% da carne bovina catarinense exportada este ano.

Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE)

Em março, o IBGE disponibilizou os dados de abate referentes ao 4º trimestre do ano passado. A análise dessas informações demonstra que, pelo segundo ano consecutivo, o abate de bovinos apresentou crescimento. Em 2018 foram abatidos 31,90 milhões de cabeças, aumento de 3,35% em relação ao ano anterior.

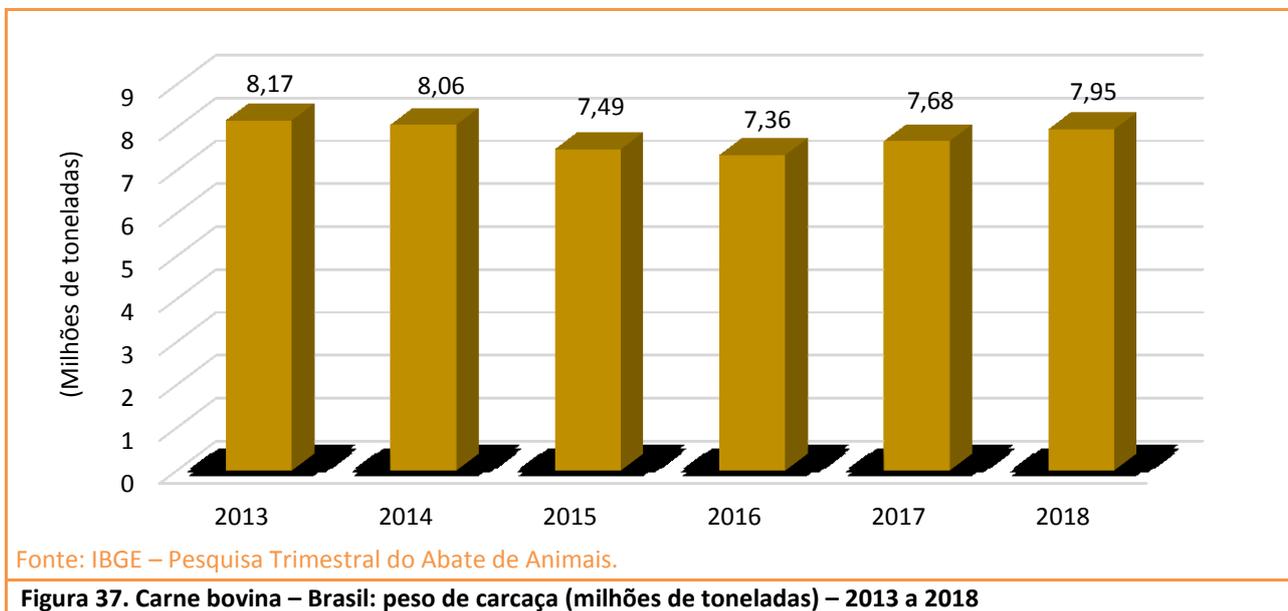


Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

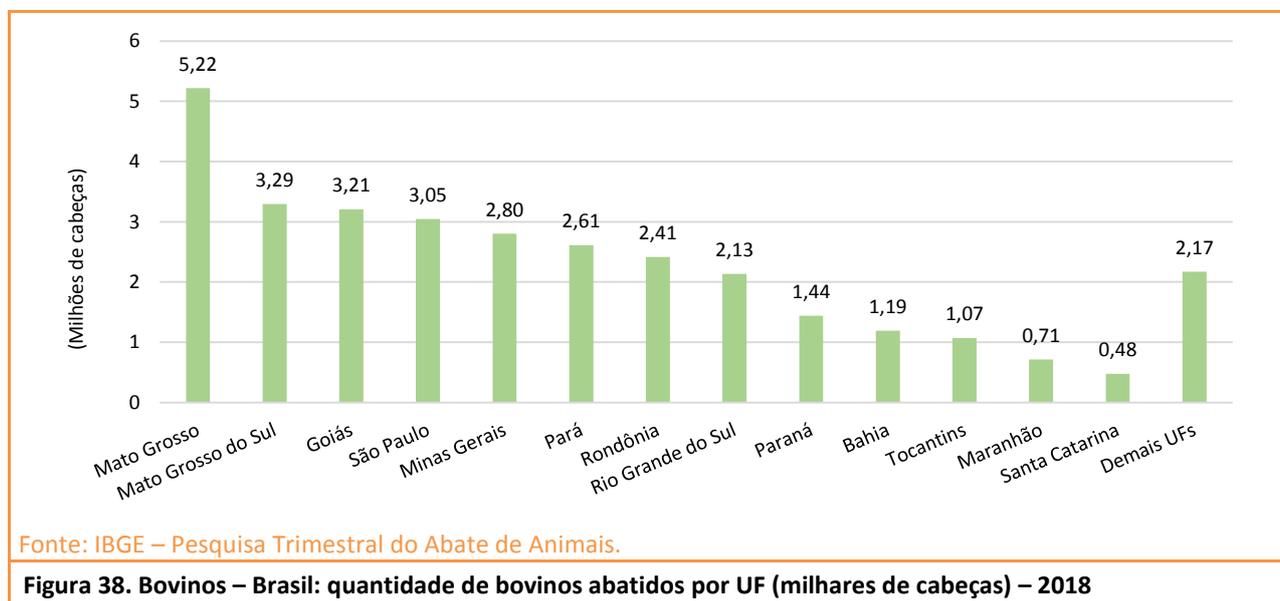
Figura 36: Bovinos – Brasil: quantidade de animais abatidos por ano (milhões de cabeças) – 2013 a 2018

⁷ Em março de 2018 foram exportadas 404,72 toneladas de miudezas bovinas (NCM 05040011 – Tripas de bovinos, frescas, refrigeradas, congeladas, salgadas ou defumadas), produtos que não afetados pelo embargo.

Assim como o número de animais abatidos, a produção de carne também registrou crescimento. Foram produzidas 7,95 milhões toneladas de carcaças bovinas, aumento de 3,56% em relação ao ano anterior.



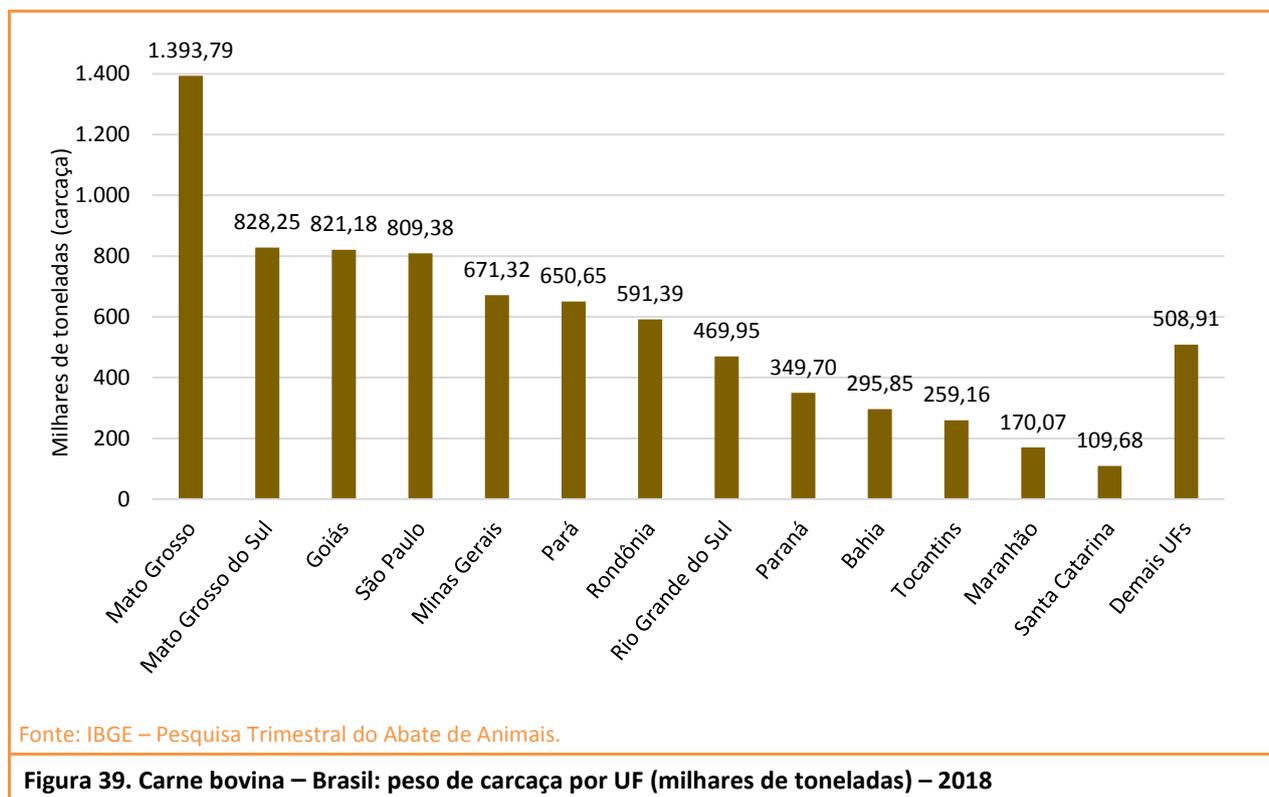
Em termos de distribuição geográfica da produção, Mato Grosso segue sendo o principal produtor nacional de bovinos, seguido por Mato Grosso do Sul e Goiás. Santa Catarina ocupa a 13ª colocação nesse ranking, com pouco mais de 476 mil animais abatidos, segundo o IBGE⁸.



⁸ De acordo com os dados da Cidasc, o total de abates em Santa Catarina foi superior a 612 mil no ano passado. Essa diferença é decorrente do uso de metodologias distintas pelas duas instituições. Para possibilitar a comparação com os demais estados, neste caso utilizamos os dados do IBGE.

Em relação ao ano anterior, Mato Grosso liderou o crescimento dos abates (+414,73 mil cabeças), seguido de Rio Grande do Sul (+205,13 mil), Paraná (+157,50 mil), Rondônia (+125,93 mil) e São Paulo (+122,73 mil).

Como era de se esperar, a produção de carne também é liderada pelo Mato Grosso, que em 2018 produziu 1,39 milhão de toneladas de carcaça. Santa Catarina ocupa a 13ª colocação, com 109,68 mil toneladas de carcaças produzidas em 2018.

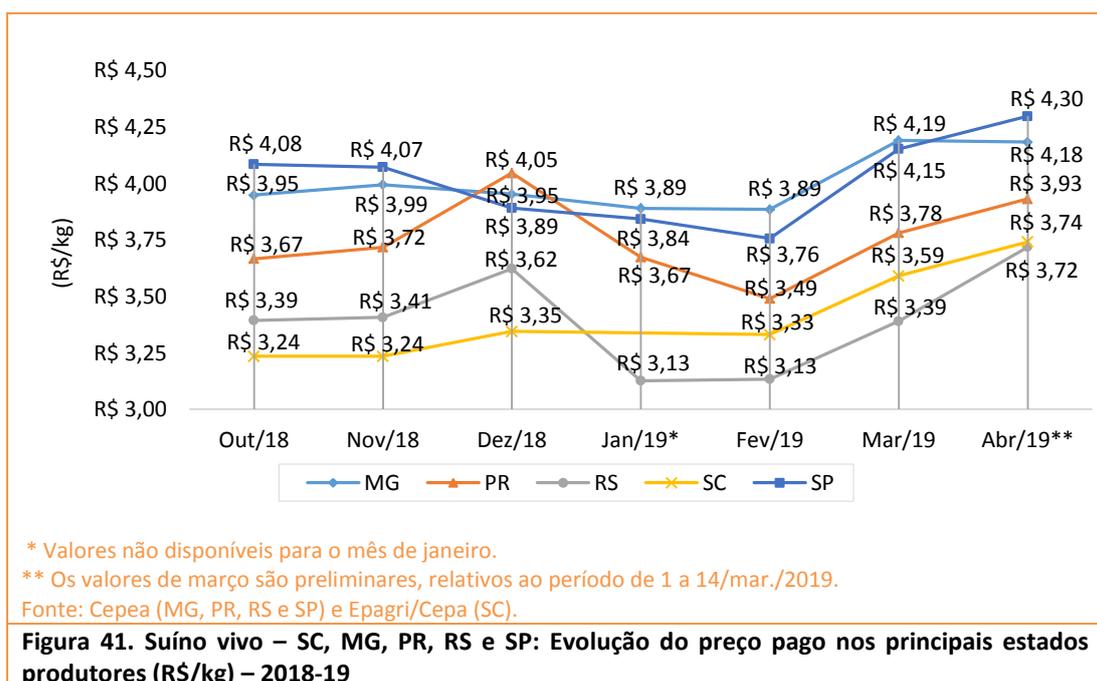
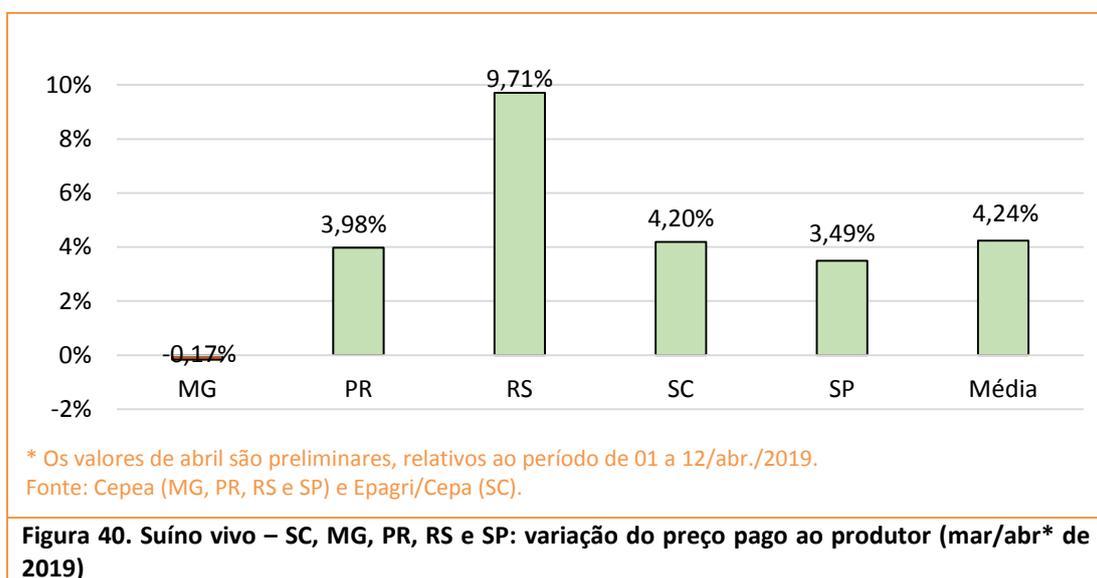


Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

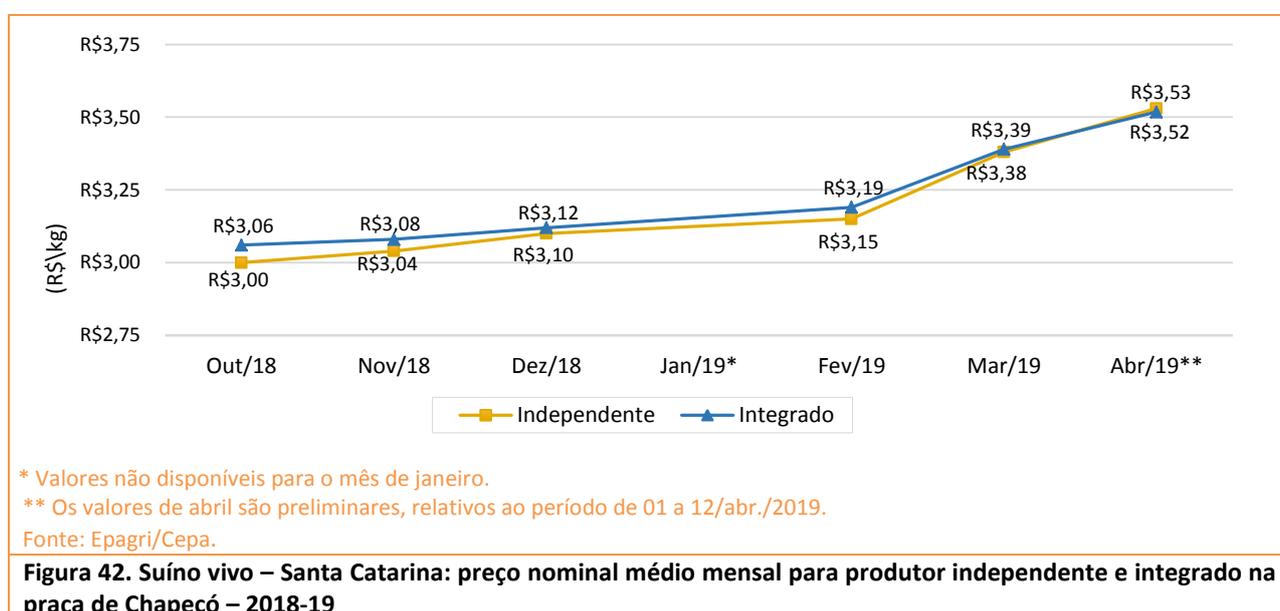
Preços nacionais e estaduais

Depois de encerrarem 2018 em queda, a partir de fevereiro deste ano os preços dos suínos vivos começaram a esboçar reação. Resultado disso é que, em março, já foram observadas altas em todos os estados acompanhados. Esse movimento está tendo continuidade em abril, com o predomínio das variações positivas. A maior variação é observada no Rio Grande do Sul (9,71% relação a março), seguido por Santa Catarina (4,20%), Paraná (3,98%) e São Paulo (3,49%). O único caso de variação negativa é Minas Gerais, com -0,17%.



Em relação aos valores praticados em abril de 2018, as diferenças são bastante expressivas em todos os estados: 44,98% em São Paulo, 38,12% em Minas Gerais, 24,68% no Paraná, 18,43% em Santa Catarina e 14,20% no Rio Grande do Sul. De acordo com o índice IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,58%.

Os preços dos suínos vivos em Chapecó, praça de referência para esse produto em Santa Catarina, que vinham apresentado leve tendência de alta deste o último trimestre de 2018, registraram um salto em março deste ano, quando aumentaram 6,27% (integrados) e 7,30% (independentes). Em abril, os preços seguem registrando alta acelerada: 3,78% para os produtores integrados e 4,44% para os independentes. Na comparação com abril de 2018, as variações são ainda mais expressivas: 14,97% para os produtores integrados e 17,67% para os independentes. Essa variação expressiva deve-se tanto à recomposição dos custos de produção, que subiram significativamente nos últimos dois anos, quanto ao crescimento das exportações.



Insumos e custos

Os preços dos leitões também têm apresentado tendência de alta nos últimos meses. Em relação a março, os preços preliminares de abril registram variações bastante significativas de 4,35% para os leitões de 6 a 10kg e 4,86% para os leitões na faixa dos 22kg. Na comparação com as médias de abril de 2018, os resultados são ainda mais expressivas: 19,14% e 20,56%, respectivamente.

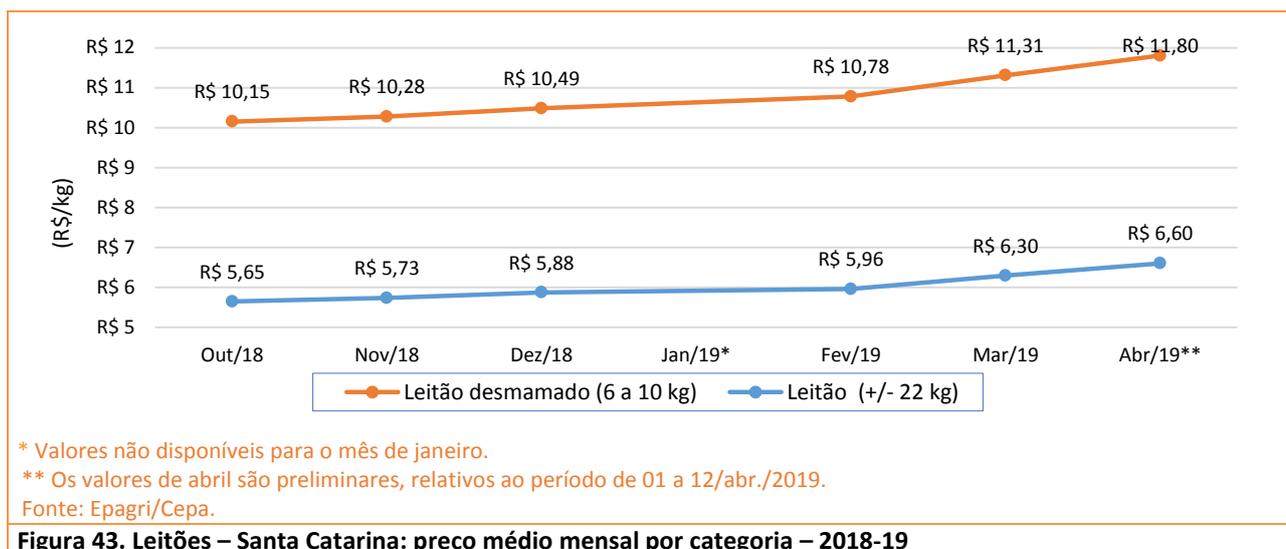


Figura 43. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – 2018-19

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em março o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) apresentou queda de 0,39% em relação a fevereiro, principalmente pela redução no custo da alimentação animal (-0,47%). Nos últimos 12 meses a queda é de 1,82%, reflexo principalmente da retração no preço do milho observada nos últimos meses.

Por conta dessa queda no preço do milho, a relação de equivalência insumo/produto mantém o movimento descendente iniciado no último trimestre de 2018. O valor preliminar de abril é 8,23% inferior ao de março. Além da variação de -4,46% no preço do milho na praça de Chapecó, também contribuiu para esse resultado a elevação 4,11% no preço do suíno vivo naquela região. O valor atual da relação de equivalência é 22,77% menor do que o registrado em abril de 2018.

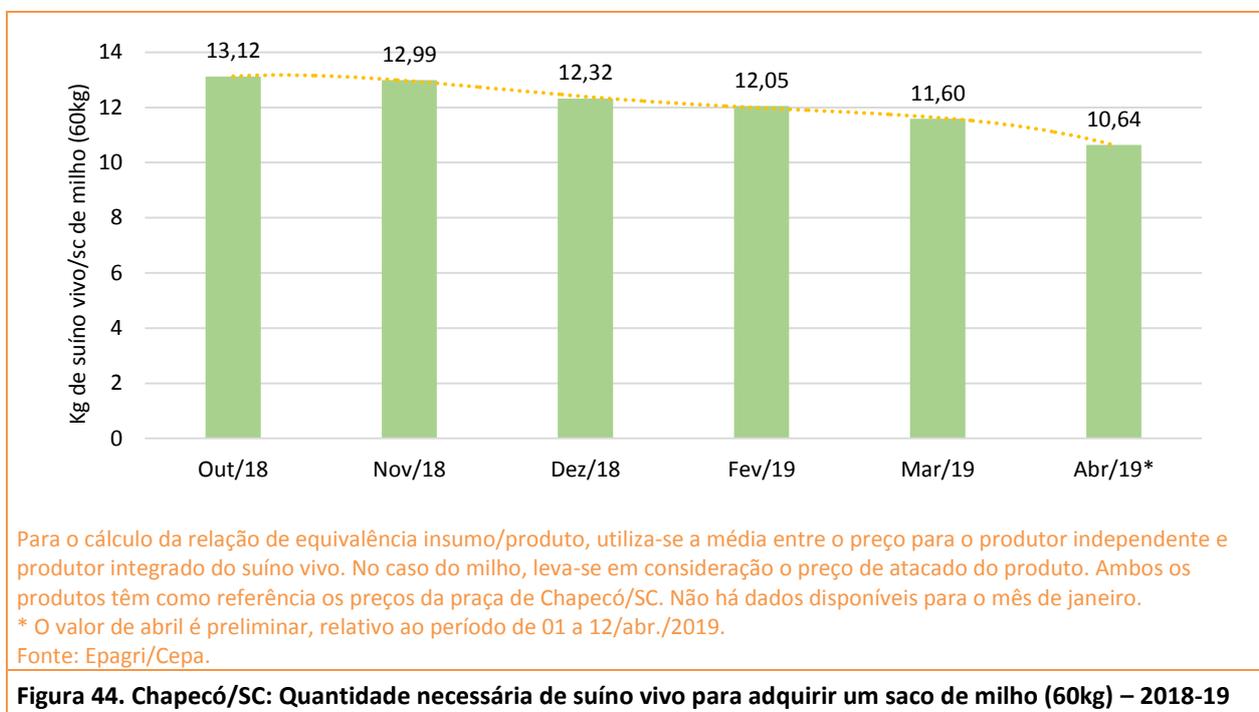


Figura 44. Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018-19

Atacado

Mais uma vez, os preços de atacado da carne suína demonstram distintos movimentos, de acordo com o tipo de corte. Em relação a março, os valores preliminares de abril registram altas no caso da costela (6,81%) e do lombo (6,74%). Nos demais cortes, a variação é negativa: carcaça (-6,42%), carré (-4,14%) e pernil (-1,84%).

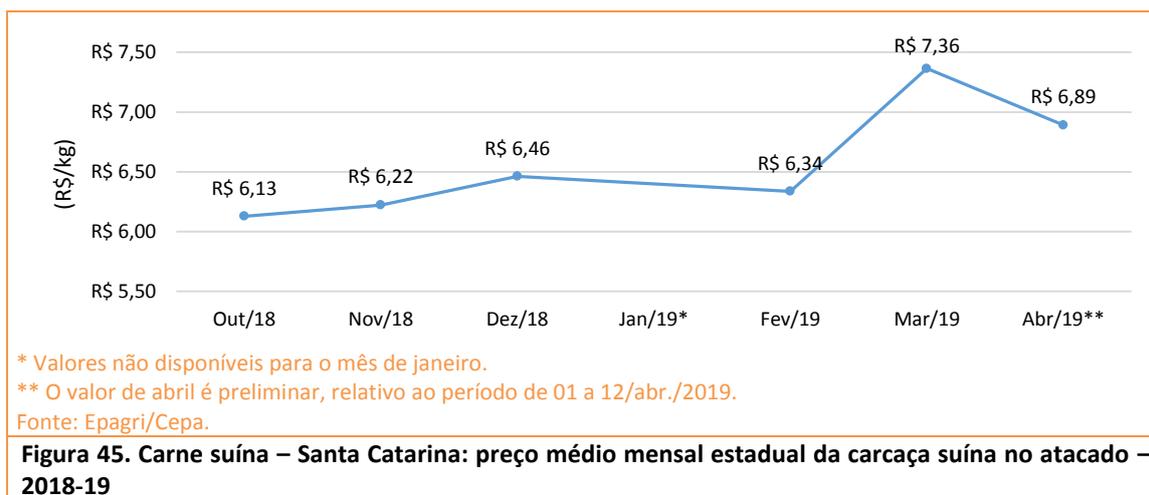
Tabela 15. Carne suína – Santa Catarina: preço médio estadual no atacado – 2019

Produto	Fevereiro/19	Março/19	Abril/19*
Carré (sem couro)	R\$ 8,38	R\$ 8,99	R\$ 8,62
Costela (sem couro)	R\$ 12,24	R\$ 11,76	R\$ 12,56
Lombo	R\$ 11,20	R\$ 11,80	R\$ 12,60
Carcaça	R\$ 6,34	R\$ 7,36	R\$ 6,89
Pernil (com osso e couro)	R\$ 7,25	R\$ 7,22	R\$ 7,10

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 01 a 12/abr./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

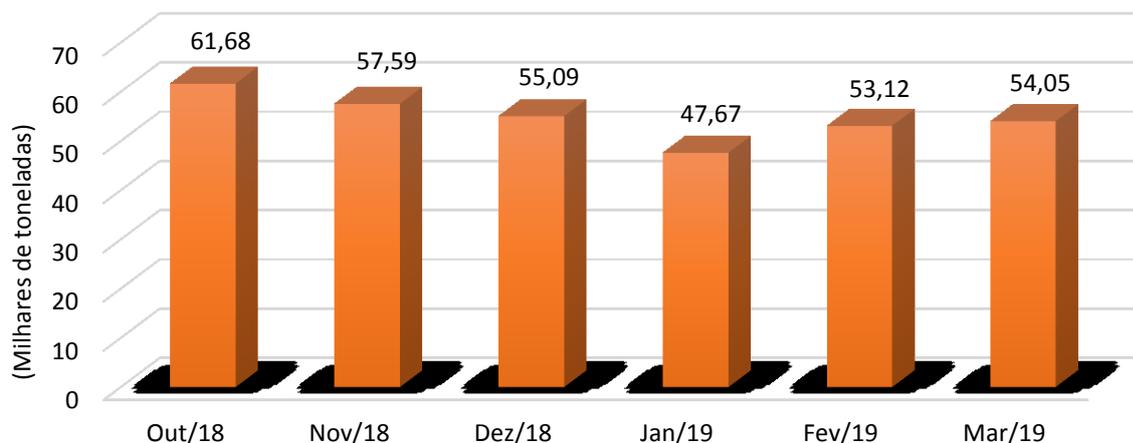
A figura a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína durante o último trimestre de 2018 e primeiro quadrimestre de 2019.



Na comparação com abril de 2018, no entanto, todos os cinco cortes apresentam variações positivas, com índices que variam de 2,09% (pernil) a 20,01% (lombo). A variação média desse período é de 13,13%.

Exportações

Depois de começar o ano em queda, as exportações brasileiras de carne suína registraram crescimento nos últimos dois meses. Em março, foram exportadas **54,05 mil toneladas** (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de **1,75%** em relação a fevereiro. Contudo, na comparação com março de 2018, observa-se **queda de 6,12%**.



Fonte: Comex Stat.

Figura 46. Carne suína – Brasil: exportações – 2018-19

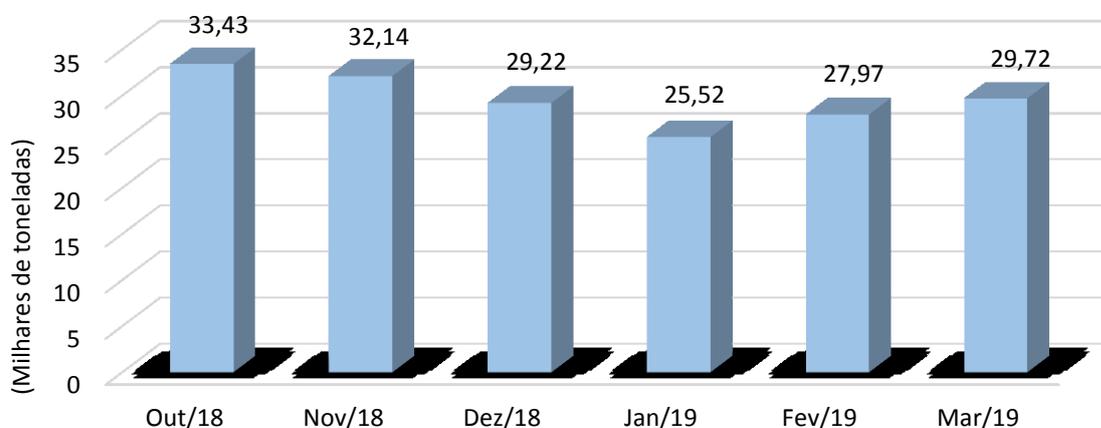
O faturamento de março foi de **US\$ 105,69 milhões**, aumento de **6,75%** em relação ao mês anterior, mas queda de **8,90%** na comparação com março de 2018.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em março foram China, Hong Kong, Rússia, Cingapura e Chile, que responderam por 73,77% das receitas. China e Hong Kong foram responsáveis por 47,88% do valor exportado em carne suína pelo Brasil em março, enquanto a Rússia respondeu por 12,02%.

No total, o Brasil exportou 154,84 mil toneladas de carne suína no 1º trimestre, volume 0,20% menor que no mesmo período de 2018. Em termos de faturamento, o montante atingido no 1º trimestre foi de US\$ 295,37 milhões, queda de 7,29% em relação ao ano anterior.

Conforme demonstra o balanço semanal divulgado pelo Ministério da Economia, a média diária de embarques de carne suína *in natura* caiu na primeira semana de abril (5 dias úteis), em relação ao mês anterior: -28,06% em valor e -31,63% em quantidade. Contudo, na comparação com abril de 2018, observa-se uma pequena ampliação nas exportações: 5,89% em valor e de 3,44% em quantidade.

As exportações catarinenses de carne suína também apresentaram resultados positivos em março. Os dados do Ministério da Economia demonstram que nesse mês foram embarcadas **29,72 mil toneladas**, **6,27%** mais que no mês anterior e **16,19%** acima do registrado em março de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Figura 47. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2018-19

O faturamento de março também teve bons resultados: **US\$ 57,86 milhões**, aumento de **10,32%** em relação ao mês anterior e de **13,37%** na comparação com março de 2018.

Santa Catarina foi responsável por **55%** da carne suína exportada pelo Brasil em março.

No 1º trimestre, Santa Catarina exportou 83,20 mil toneladas, com faturamento de US\$ 157,456 milhões. Em relação ao mesmo período de 2018, registra-se aumento de 9,30% em valor e de 17,94% em quantidade.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em março foram responsáveis por 77,80% das receitas e 77,36% da quantidade embarcada, conforme detalhado na tabela a seguir.

Tabela 16. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – março/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	23.803.884,00	11.915
Hong Kong	7.707.302,00	4.750
Chile	6.445.947,00	3.413
Rússia	4.666.142,00	1.861
Argentina	2.389.938,00	1.053
Demais países	12.845.633,00	6.729
Total	57.858.846,00	29.721

Fonte: Comex Stat.

Dos países listados na tabela anterior, somente a Argentina apresentou variação negativa em março, na comparação com o mesmo mês de 2018: -34,30% em valor e -25,48% em quantidade. Esse resultado é reflexo da crise que o país atravessa, o que tem provocado redução no poder de compra dos argentinos e, por consequência, redução no consumo de proteínas de origem animal.

Por outro lado, um dos destaques positivos foi o aumento dos embarques para a China, que cresceram 21,07% em valor e 23,61% em quantidade. Os chineses adquiriram mais de 40% da carne suína exportada por Santa Catarina no mês passado.

Outro destaque foi a Rússia, que importou 1,86 mil toneladas de Santa Catarina, sendo o 4º principal destino da carne suína catarinense nesse mês. Em fevereiro, a Rússia figurava na 8ª posição, o que indica que aos poucos os volumes destinados àquele país vêm se recuperando. Vale lembrar que até 2017 os russos eram os principais compradores da carne suína do estado, condição interrompida pelo embargo que perdurou de dezembro de 2017 a novembro de 2018.

Também merece menção o crescimento dos embarques para o Japão, que ampliou as compras de carne suína catarinense em 208,53% em valor e 210,90% em quantidade, na comparação com março de 2018. O Japão é um dos mercados mais exigentes no que diz respeito à importação de carnes, o que indica a qualidade e confiabilidade dos produtos catarinenses.

Uma questão que tem preocupado os produtores brasileiros nas últimas semanas é o anúncio de um acordo entre Brasil e Estados Unidos, possibilitando a importação de carne suína. O acordo teria sido acertado por ocasião da visita do presidente brasileiro àquele país. A maioria das preocupações está relacionada ao fato do Estados Unidos serem o principal exportador e o segundo maior produtor de carne suína do mundo, enquanto o Brasil ocupa a quarta posição em produção e exportação, o que faz com que os dois países sejam concorrentes diretos. Entidades representativas de suinocultores chegaram a manifestar publicamente sua preocupação com a medida. Contudo, alguns especialistas apontam que é pouco provável que os EUA consigam exportar para o Brasil, pois o nosso mercado interno é bem abastecido, inclusive com excedentes exportáveis, além dos custos de produção dos suínos nos EUA em geral serem superiores aos observados no Brasil.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento informou, por nota, que o processo ainda está em fase inicial e que estão sendo discutidas as condições para a concessão do certificado sanitário que permitirá a importação da carne estadunidense.

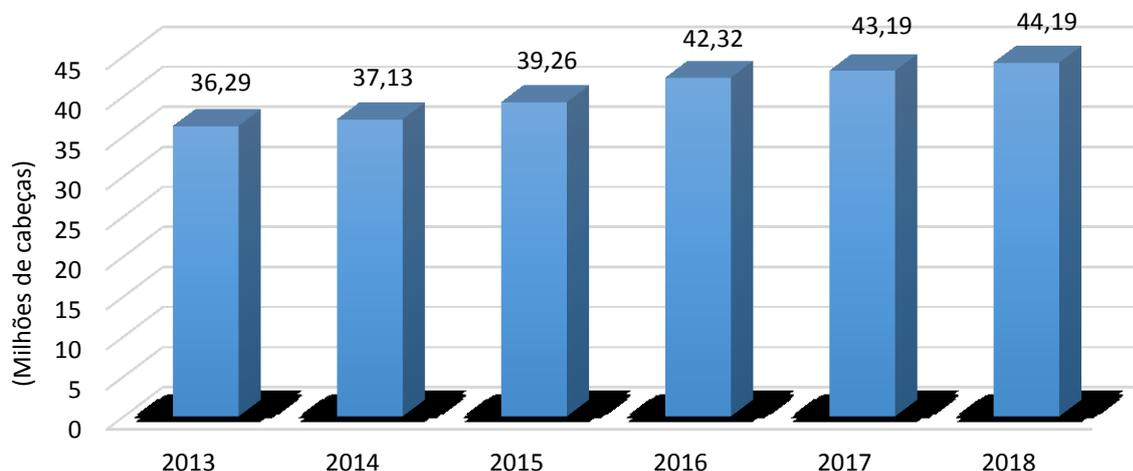
Mas, o que tem agitado o mercado mundial de carne suína são as expectativas acerca dos efeitos do surto de peste suína africana (PSA) enfrentado pela China desde agosto do ano passado sobre a produção daquele país e, conseqüentemente, sobre as importações. Até o início de abril, já haviam sido reportados 112 focos, mas acredita-se que o número seja bem superior a isso.

Especialistas divergem em relação ao grau de impacto da PSA sobre a produção chinesa. As estimativas de queda variam entre 5% e 25%. Qualquer que seja o percentual, o volume total a ser suprido por meio da importação deverá ser bastante significativo, já que a produção chinesa normalmente fica em torno de 54 milhões de toneladas, respondendo por praticamente metade do total mundial.

Analistas do Rabobank chegaram a afirmar que as importações chinesas de carne suína em 2019 devem dobrar em relação ao ano passado. Já o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos previu queda de 5% na produção deste ano em relação a 2018, com crescimento de 28% nas importações, que no ano passado foram de 1,7 milhão de toneladas.

Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE)

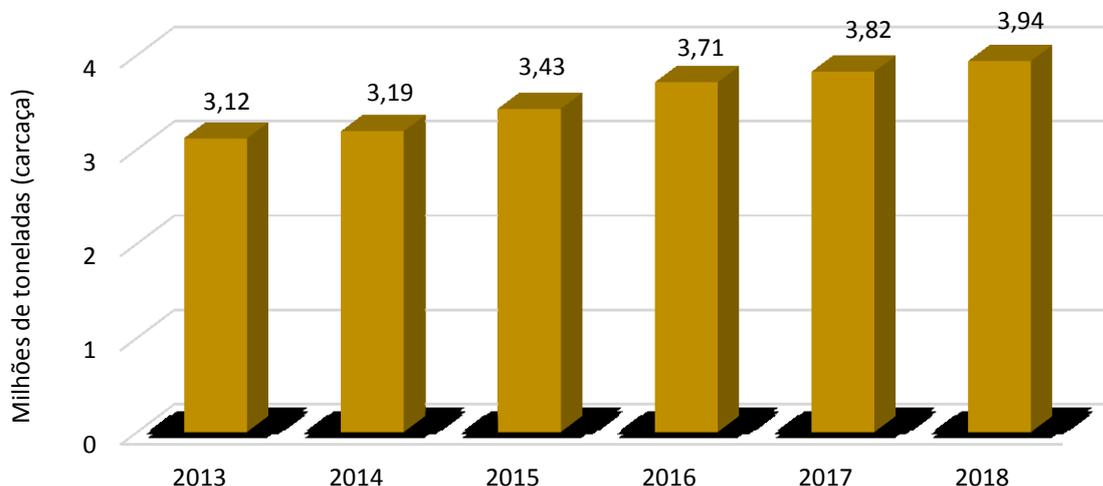
Em março, o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao 4º trimestre do ano passado. A partir desses números, verificou-se que em 2018 foram abatidos 44,19 milhões de suínos no Brasil, ampliação de 1 milhão de animais em relação ao ano anterior, o que significa um crescimento de 2,33%. Esse é o maior volume de abates já registrado desde o início da pesquisa do IBGE, em 1997.



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Figura 48. Suínos – Brasil: quantidade de animais abatidos por ano (milhões de cabeças) – 2013-18

Em 2018 também se atingiu a maior produção de carne já registrada, com 3,94 milhões de toneladas de carcaças. Essa quantidade representa um incremento de 2,94% em relação ao ano anterior.



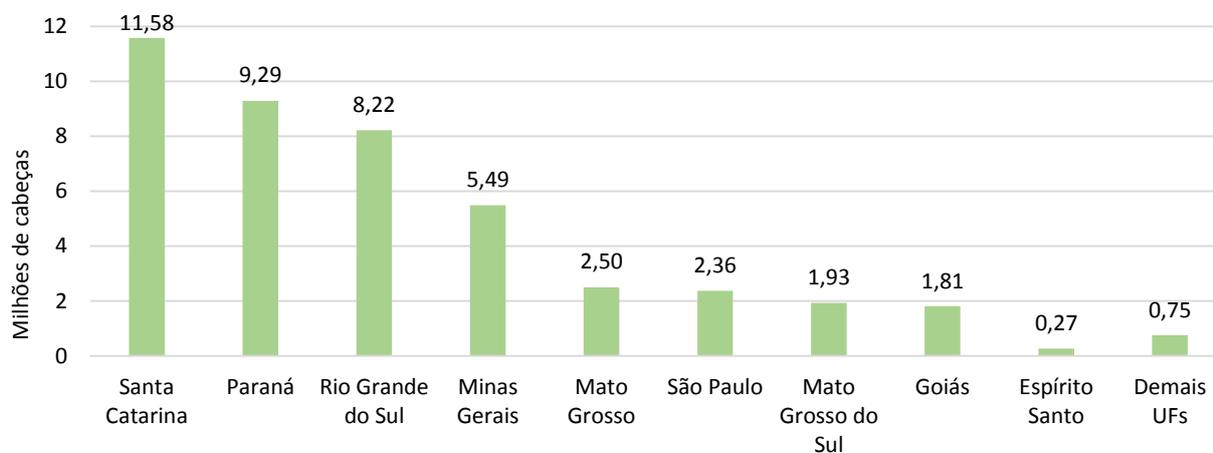
Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Figura 49. Carne suína – Brasil: produção de carcaça (milhões de toneladas) – 2013-17

Ainda de acordo com os dados do IBGE, Santa Catarina segue sendo o principal produtor de carne suína do país, com um abate de 11,58 milhões de cabeças. Esse montante representa um aumento de 0,70% em relação a 2017.

Conforme demonstram os dados do IBGE, Santa Catarina respondeu por 26,20% dos suínos abatidos no Brasil em 2018, enquanto o Paraná abateu 21,02% e o Rio Grande do Sul 18%. Juntos, os estados da região Sul foram responsáveis por 65,81% dos abates.

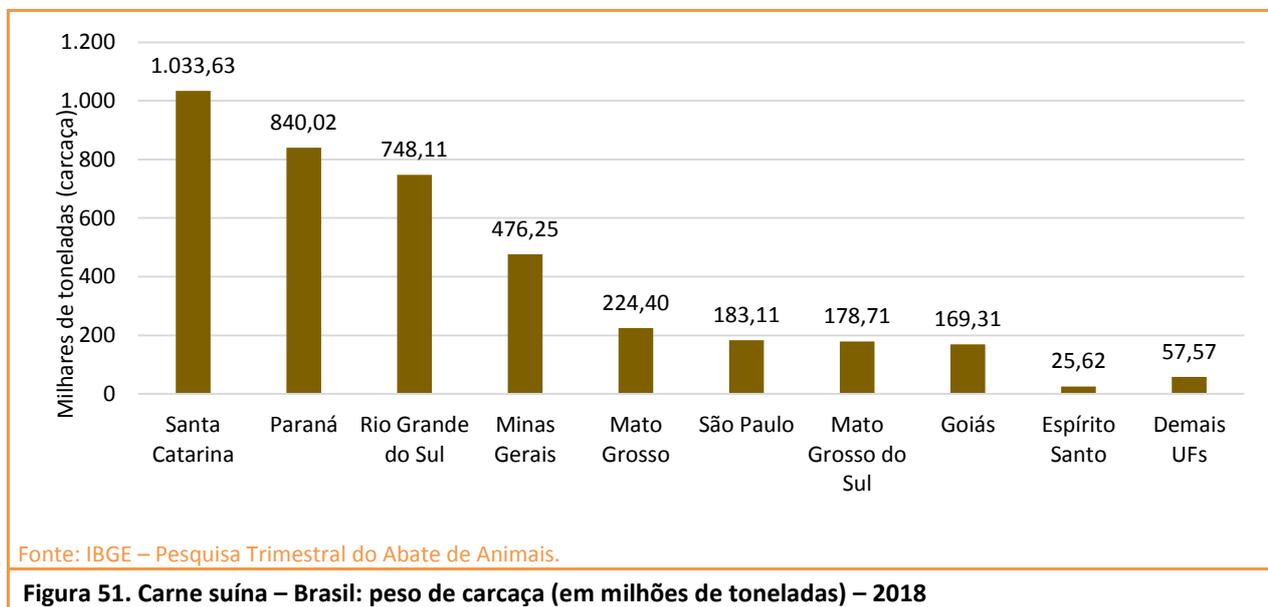
Quando se compara 2018 com o ano anterior, verifica-se que Mato Grosso do Sul liderou o aumento dos abates (+296,40 mil cabeças), seguido de Rio Grande do Sul (+194,72 mil), São Paulo (+181,64 mil), Paraná (+86,80 mil) e Santa Catarina (+80,43 mil).



Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

Figura 50. Suínos – Brasil: quantidade de animais abatidos por UF (milhões de cabeças) – 2018

Em termos de produção de carne, as primeiras posições também se mantêm inalteradas em relação ao que se registrou em 2017. Segundo o IBGE, Santa Catarina produziu pouco mais de um milhão de toneladas no ano passado.



Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Em dezembro de 2018, o preço de referência do Conseleite/SC estava em baixa, alcançando patamar superior apenas aos dos meses de janeiro a março do ano. As duas primeiras reuniões de 2019 indicavam crescimento quase generalizado dos preços dos derivados lácteos no mercado atacadista e recuperação dos preços recebidos pelos produtores de leite. Em fevereiro, o preço de referência (R\$ 1,2309/l) ficou 9,6% acima do preço de dezembro de 2018, e mais acima ainda que os preços de fevereiro dos anos anteriores.

Tabela 17. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2015-19

Mês	R\$/litro na propriedade (Funrural incluso)					Var. %		
	2015	2016	2017	2018	2019	2017/16	2018/17	2019/18
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	13,0	-10,1	20,3
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	9,3	-8,7	21,5
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	1,2053	7,1	-4,9	11,0
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1295		4,7	-3,4	
Maiο	0,8875	1,1430	1,1733	1,1522		2,7	-1,8	
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	1,3454		-14,7	18,1	
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	1,4050		-31,5	32,3	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	1,2997		-23,1	27,6	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	1,2582		-15,2	34,2	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	1,2351		-8,7	29,3	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977	1,1358		-0,2	13,8	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788	1,1228		-5,3	14,7	
Média	0,8866	1,1408	1,0634	1,1793		-6,8	10,9	

Março/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Tendo por base o que tradicionalmente acontece, a expectativa da grande maioria dos agentes da cadeia leiteira, particularmente produtores e indústrias, era que os preços seguiriam em alta. Daí o registro no Boletim Agropecuário anterior, que a reunião do mês de março do Conseleite/SC indicaria nova elevação dos preços de referência. Isto não se confirmou, com o preço de referência projetado para março (R\$ 1,2053) ficando abaixo do preço final de fevereiro (R\$ 1,2309). Embora a queda seja pequena, e possa ser revertida na reunião deste mês de abril (quando será fixado o preço final de março e projetado o preço de abril), o que chama a atenção é o fato que em todo o histórico do Conseleite/SC, de 2007 para cá, jamais ter havido decréscimo de fevereiro para março.

Assim, e considerando que esta perspectiva de redução de preços não se restringiu ao Conseleite/SC, ampliam-se as preocupações dos agentes da cadeia produtiva nacional com o que está por vir. É compreensível que seja assim. Se no momento de menor oferta nacional de leite se vislumbra a possibilidade de haver redução dos preços, o que esperar para os meses vindouros, particularmente a partir de agosto, quando a oferta nacional de leite deverá atingir patamares bem superiores aos atuais: em 2018, por exemplo, segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, o pico de recebimento de leite pelas indústrias inspecionadas se deu em dezembro (2,271 bilhões de litros), com quantidade 21,2 % superior à do mês de abril (1,873 bilhão de litros).

Tabela 18. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2014-18

Mês	Bilhão de litro					Var. % 2017-18
	2014	2015	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,159	2,8
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,888	3,0
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,966	2,0
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	3,4
Mai	1,948	1,886	1,742	1,907	1,734	-9,1
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	-3,0
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,036	-1,1
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,119	0,1
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,100	-0,1
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141	2,222	3,8
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154	2,210	2,6
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250	2,271	0,9
Total anual	24,747	24,062	23,170	24,334	24,450	0,5

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Não seria novidade, mas pouco resolve buscar nas importações eventuais explicações para esta perspectiva de comportamento atípico de mercado, pois, além de já não serem significativas em relação aos parâmetros históricos nos dois primeiros meses, as importações de lácteos decresceram sensivelmente no mês de março.

Tabela 19. Lácteos ⁽¹⁾ – Brasil: Importações – 2016 a 2019

Mês	Toneladas				Variação % 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	8.378	18.960	8.366	13.649	63,1
Fevereiro	7.523	16.312	10.332	16.046	55,3
Março	16.859	15.467	9.029	10.689	18,4
1º Trimestre	32.760	50.739	27.727	40.384	45,6
Abril	21.185	13.536	11.965		
Mai	25.777	17.700	13.418		
Junho	25.191	17.338	11.077		
Julho	23.918	16.027	13.848		
Agosto	25.672	13.472	13.266		
Setembro	28.872	10.400	11.863		
Outubro	19.249	8.968	18.471		
Novembro	20.583	9.093	17.919		
Dezembro	19.360	9.057	10.285		
Total anual	242.567	166.330	149.839		

⁽¹⁾ Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Apesar da sinalização de queda de preço da reunião do Conseleite/SC, os números preliminares dos levantamentos da Epagri/Cepa indicam o preço recebido pelos produtores catarinenses em abril será superior ao de março. O crescimento é mais discreto do que o observado de fevereiro para março. Ainda assim, é uma clara indicação de que algumas indústrias continuam apostando que a queda de preços sinalizada na última reunião do Conseleite/SC será revertida.

Tabela 20. Leite – Santa Catarina: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores - 2016-19					
Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação %
	2016	2017	2018	2019	2018-19
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	25,0
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,29(1)	27,2
Maio	1,11	1,29	1,09		
Junho	1,19	1,29	1,14		
Julho	1,29	1,25	1,30		
Agosto	1,52	1,13	1,35		
Setembro	1,41	0,99	1,31		
Outubro	1,24	0,91	1,28		
Novembro	1,10	0,92	1,24		
Dezembro	1,08	0,95	1,11		
Média anual	1,16	1,13	1,14		

⁽¹⁾Preço médio mais comum no período de pagamento. O preço de abril/2019 é estimativa.
Fonte: Epagri/Cepa.